

SUMÁRIO

1 Canudos na literatura de cordel	1
2 Antologia	10
2.1 ABCs recolhidos por Euclides da Cunha	10
2.2 Versão coligida por José Aras	18
2.3 A Guerra de Canudos do fanático Conselheiro	22
2.4 A Guerra de Canudos	27
2.5 História de Antônio Conselheiro	40
2.6 Meu folclore	67
BIBLIOGRAFIA	105

1 CANUDOS NA LITERATURA DE CORDEL

Foi Sílvio Romero, em 1879, o primeiro escritor brasileiro a dar notícias de um ciclo de poesia popular que se estava formando em torno da figura messiânica de Antonio Conselheiro, na época conhecido apenas no centro das Províncias da Bahia e de Sergipe. Nos seus *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, aparecidos na *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro), o “pai do folclore brasileiro”, depois de comentar o aparecimento do misterioso personagem, “um missionário a seu jeito”, escreveu: “A musa popular vibrou a seu respeito e exaltou-se em quadras como estas:

*Do céu veio uma luz
Que Jesus Cristo mandou
Sant'Antonio Aparecido
Dos castigos nos livrou.*

*Quem ouvir e não aprender
Quem souber e não ensinar
No dia do juízo
A sua alma penará”.¹*

Os versos, que lembram o responso de Sant'Antonio, eram, sem dúvida alguma, os primeiros de uma dilatada série de composições referentes ao Bom Jesus Conselheiro e ao povoado de Canudos, onde o místico cearense iria se fixar em 1893, já desfrutando de grande prestígio no seio da comunidade sertaneja. A produção rimada sobre o “messias” cearense pode ser apontada, em nossos dias, como das maiores da nossa poética popular. No campo da luta de Canudos no ano de 1897, o repórter de *O Estado de S. Paulo*, Euclides da Cunha, depois consagrado ensaísta de *Os sertões*, sentiu a importância que os conselheiristas davam às criações da ira anônima, usadas como armas de combate na guerra de

¹ ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. 2. ed. Petrópolis, 1977. p. 41. (Coleção Dimensões do Brasil.)

vida e morte da jagunçada contra as forças poderosas da República. Dir-se-ia que versejar ajuda a combater. Os conselheiristas, enfrentando dificuldades sem conta, não abandonaram as musas nas horas difíceis e dramáticas da peleja suicida. Vem da própria gente do Conselheiro a primeira contribuição ao hinário canudense. Depois é que os vencedores contaram a tragédia do Vaza-barris. Euclides da Cunha ficou impressionado com os papéis encontrados nos humildes casebres do Belo Monte e apontou sua significação para a psicologia da luta. Disse o autor de *Os sertões*: “(...) no mais pobre dos saques que registra a história, onde foram despojos opimos imagens mutiladas e rosários de côcos, o que mais acirrava a cubiça dos vitoriosos eram as cartas, quaisquer escritos e, principalmente os desgraçosos versos encontrados. Pobres papeis, em que a ortografia bárbara corria parselhas com os mais ingênuos absurdos e a escrita irregular e feia parecia fotografar o pensamento torturado, eles, resumiam a psicologia da luta. Valiam tudo porque nada valiam”. E mais adiante: “Os rudes poetas rimando-lhe [do Conselheiro] os desvarios em quadras incolores, sem a espontaneidade forte dos improvisos sertanejos, deixaram bem vivos documentos nos versos disparatados que deletreamos pensando, como Renan, que há, rude e eloquente, a segunda Bíblia do gênero humano, nesse gaguejar do povo”².

Apesar do elitismo dos comentários, o registro do fenômeno observado dá a Euclides da Cunha uma posição singular no entendimento do fato histórico de Canudos. Foi ele a única testemunha da tragédia a considerar a contribuição do bardo anônimo para a interpretação dos sentimentos populares de referência às atividades do Bom Jesus Conselheiro. Podemos também apontá-lo como um dos primeiros ensaístas brasileiros a julgar válidas as fontes orais para elaboração da história dos povos. Euclides da Cunha, na sua obra famosa, não só formulou os conceitos acima apresentados, como também divulgou versos recolhidos para demonstrar o que estava dizendo, cometendo, todavia, o erro de modificar, em alguns deles, a ortografia original.

² CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 13. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1936. p. 206.

Euclides da Cunha citou sete quadras dos dois ABCs que chegaram ao seu conhecimento e foram por ele copiados na *Caderneta de campo*. Julgamos que as citadas composições teriam sido as primeiras obras completas da poesia popular sobre o “conselheirismo” e, portanto, precederam os trabalhos de literatura de cordel aqui e agora reunidos na presente publicação.

Os ABCs recolhidos pelo publicista fluminense registravam dois fatos importantes na história do “conselheirismo”. O primeiro fazia a exaltação da vitória alcançada, em maio de 1893, contra a polícia baiana, no choque de Masseté:

*Indo a força pa cima
o concelho malhar
nas catingas de Machete [Masseté]
lá foram todos se acabar.*

O segundo contava como se dera a morte do coronel Moreira César e a derrota completa da tropa por ele comandada, em março de 1897:

*Agora vou declará
tudo quanto foi passado
na batalha Belo Monte
Cos homem civilizado
que vinhero brigá com Deus
ficaram acreditado³.*

As duas peças, em alguns dos seus fragmentos, ainda são lembradas no sertão. José Aras, no seu livro *Sangue de irmãos*, publica uma versão do segundo ABC, que traz o nome de Manuel dos Santos, provavelmente o informante⁴.

A coletânea agora editada, além dos referidos ABCs, reúne quatro folhetos importantes, escritos por João de Souza Cunegundes (1897), João Melchíades Ferreira da Silva (s.d.), Arinos de Belém (1940) e José Aras (1963). Foram

³ CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. Introdução, notas e comentário por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo, Cultrix, 1975. p. 58-9.

⁴ ARAS, José. *Sangue de irmãos*. 1. ed. s. d. p. 106-10.

selecionados porque representam tendências distantes do cordel brasileiro sobre o tema Canudos. Seus autores escreveram em épocas diferentes e lugares diversos. João de Souza Cunegundes vivia no Rio de Janeiro quando se travou a luta do Belo Monte. Apresentava-se como o autor do *Trovador de esquina*, acrescentando Basílio de Magalhães que ele escrevera também *Lira de Apolo e Serenatas*⁵. Era, portanto, um bardo conhecido na Capital Federal, e seu trabalho sobre a guerra teve pelo menos duas edições, sendo que a segunda apareceu com a *Guerra do Paraguai*, de João Santa de Maria, vulgo Santaninha, um dos mais conhecidos cordelistas do seu tempo⁶. Foi composto quase ao findar da campanha e reflete o pensamento da época no Rio, quando se acreditava que Antonio Conselheiro e seus seguidores eram perigosos monarquistas. A figura mais alevantada nas quadras de Cunegundes é o coronel de infantaria Antonio Moreira César, que perdera a vida combatendo os jagunços:

*No ano de noventa e sete
Muita coisa aconteceu,
Pegou a guerra em Canudos;
Moreira César morreu.*

*O governo precisava
De um homem forte e valente,
Que marchasse para a guerra
Destroçar aquela gente.*

*Apareceu Moreira César
Homem valente e de estudos,
Ofereceu seus serviços
Para partir p'ra Canudos.*

A morte do oficial é registrada assim:

*Morreu este patriota
Uma glória do Brasil:
A favor de sua pátria*

⁵ MAGALHÃES, Basílio de. *O folk-lore no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Quaresma, 1928. p. 11-3.

⁶ CUNEGUNDES, João de Souza. *A Guerra de Canudos no sertão da Bahia*. Rio de Janeiro, Livraria do Povo, Quaresma & Cia. Livreiros Editores, 1897. p. 3-4.

Contra aquela gente vil.

*O Brasil ficou de luto
E o exército também;
Todos choraram a morte
Daquele homem de bem.*

Termina o poeta condenando os jagunços e glorificando os soldados:

*Esta horda de bandidos
Fanáticos e traiçoeiros,
Afinal foram batidos
Pelos soldados brasileiros.*

*Glória àqueles que morreram
Com a fé republicana
Defendendo a sua pátria
Longe, na terra baiana.*

*Viva o povo brasileiro
E também seu presidente
Glória aos mortos de Canudos
Chorados por toda a gente!*

A obra de Cunegundes servia bem aos interesses políticos da situação dominante. Era o julgamento de um poeta da Capital Federal, inteiramente dominado pelo noticiário da imprensa. Versejando longe do teatro dos acontecimentos, João de Souza Cunegundes encontrou inspiração ao sabor da hora, elaborando suas trovas no sentido de ir ao encontro de um ideia dominante naqueles dias tumultuados⁷.

O folheto de João Melchidades Ferreira da Silva vem de outra origem. É o depoimento de um participante. João Melchidades, apelidado o “Cantor da Borborema”, natural da Paraíba, nascido em 1869 e falecido no ano de 1933, sargento do 27 BI, batalhou contra os jagunços. Participou da luta. As sextilhas

⁷ Devemos ao bibliófilo Plínio Doyle o conhecimento do texto de Cunegundes.

que compôs relatos fatos, em grande parte, assistidos e vividos pelo menestrel paraibano. É a única obra de cordel, até aqui conhecida, feita por um soldado combatente. Daí, sem dúvida alguma, seu merecimento maior, embora seja válida sua poesia, porque Melchiades era poeta de reconhecida capacidade, como podemos comprovar com os seguintes versos que consignam um instante dramático da fuga dos soldados da 3ª expedição:

*Escapa, escapa, soldado
Quem tiver perna que corra
Quem quiser ficar que fique
Quem quiser morrer que morra
Há de nascer duas vezes
Quem sair desta gangorra.*

Combatente da causa dita republicana, João Melchiades teve o bom senso de não se deixar dominar pelas paixões da época, rimando para narrar coisas vistas e vividas sem imprecisões nem linguajar agressivo. Procurou ser, em verdade, uma testemunha, não se esquecendo, é lógico, de exaltar os feitos dos companheiros de armas, a começar pelo comandante de sua unidade, o major Henrique Severiano da Silva. Pelo que informa o poeta, seu livro não foi elaborado na fase da guerra fratricida. É de muitos anos depois, quando Melchiades, já reformado, vivia preocupado com sua poesia, recordando o que vira em Canudos e no Acre, no tempo de Plácido de Castro.

*Terminei duas revoltas
Mais fiquei aposentado
Me lembro do tempo velho
Do serviço de soldado
Quando sonho com a guerra
Acordo entusiasmado.*

Como sua reforma data de 1904, podemos, com segurança, afirmar que *A Guerra de Canudos* foi escrita em nosso século⁸.

⁸ O trabalho de Melchiades encontramos na biblioteca da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Não menciona o nome do autor, nem o local e a data da publicação. Conseguimos descobrir a autoria, e a propósito tratamos do assunto em *Revista Brasileira de*

O Conselheiro e sua guerra caíram no esquecimento durante muitos anos. Por isso mesmo, Diegues Júnior observou, falando das produções de cordel a respeito de fanatismo e misticismo, que pouco se falou de Antonio Conselheiro, enquanto surgiu um alentado número de folhetos referentes ao padre Cícero Romão Batista, outro famoso líder carismático do Nordeste⁹. A observação do ilustre alagoano é procedente. Desde o aparecimento de *Os sertões*, em 1902, até os anos 40, não somente a literatura de cordel como os estudos em geral sobre Canudos não são numerosos. Falava-se mais de Euclides da Cunha do que da campanha de Canudos. O conflito sertanejo como que existia apenas por causa do livro consagrado e consagrador. Somente a partir da década de 40, a tragédia de 1897 começou a ser encarada como objeto de indagações sociais, políticas, culturais, econômicas. Presentemente, embora não possamos traçar paralelo entre o prestígio popular do padre Cícero e do Bom Jesus Conselheiro, dispomos de elementos que apontam a existência de uma apreciável literatura de cordel em torno da temática Canudos, sobretudo nestes últimos dez anos. Muitos nordestinos vêm enfocando nos seus folhetos a história dramática do Belo Monte como Maxado Nordestino (Profecias de Antonio Conselheiro), Minelvino Francisco da Silva (Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos), Apolônio Alves dos Santos (Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos), Rodolfo Coelho Cavalcante (Antonio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos), R. Santa Helena (Guerra de Canudos), José Saldanha Menezes (O apóstolo dos sertões) , José de Oliveira Falcon (Canudos, guerra santa no sertão), Sebastião Nunes Batista (Canudos revisitada).

Na relação acima, deixamos de incluir dois folhetos inseridos nesta coletânea, que julgamos de suma significação. São eles: *História de Antonio Conselheiro* (Campanha de Canudos, narração completa), de Arinos de Belém, e *Meu folclore*

Folclore, n. 14, jan / abr 1966, p. 53 a 63. A *Antologia da literatura de cordel*, organizada por Sebastião Nunes Batista (1. ed. 1977. p. 151), traz dados bibliográficos do "Cantor da Borborema".
⁹ DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Literatura popular em versos*; estudos. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. Tomo I, p. 113.

(história da Guerra de Canudos), de Jota Sara. Ambos os versejadores usavam pseudônimos. Arinos de Belém é José Esteves, paraense, com alguns folhetos publicados na capital do Pará, pela Guajarina - Casa Editora, de Francisco Lopes. Jota Sara é José Aras, baiano de Cumbe, atualmente Euclides da Cunha, um grande conhecedor da vida sertaneja, atuante na zona em que nasceu e morreu octogenário, há poucos anos. Acreditamos que Arinos de Belém houvesse sido atraído pelo tema, por causa da participação que a polícia de seu Estado teve na guerra do Belo Monte, pois dois batalhões paraenses estiveram lutando, fato que vem mencionado nos versos do cordel:

*Também do Pará partiu
O Primeiro e o Segundo
corpos de Infantaria
"queria ir todo mundo,
para brigar com jagunço
com patriotismo profundo".¹⁰*

Realçando os feitos paraenses, que são referidos várias vezes, Arinos termina expressando seu anticonselheirismo:

*Na Bahia o fanatismo
caro ao Governo custou,
e Antonio Conselheiro
nunca em luta se mostrou
e conforme alguém já disse
o Diabo o carregou.¹¹*

Nascido e criado no sertão do Conselheiro, recolhendo desde cedo notícias da guerra entre sobreviventes, servindo-se da tradição oral muito viva na região, José Aras foi "conselheirista" acima de tudo. Deu forma a sua criação poética como se fosse um destemido jagunço do Vaza-barris. Com ele o cordel voltou aos

¹⁰ BELÉM, Arinos de. *História de Antonio Conselheiro*; campanha de Canudos, narração completa. Belém, Guajarina - Casa Editora de Francisco Lopes, 1940. p. 26-35. Tivemos conhecimento do folheto pelo acadêmico Orígenes Lessa. À folclorista Hildegardes Viana devemos a cópia que possuímos.

¹¹ Idem, *ibidem*.

tempos dos ABCs aqui reunidos. Encampou todas as iras do séquito do Bom Jesus. Odiou Moreira César:

*Moreira César foi ao céu
Com Tamarindo ao seu lado
São Pedro falou assim:
O quê, cara de malvado
Tamarindo entristeceu
São Pedro assim respondeu:
Espere mais um bocado.*

*E disse a Moreira César
Pra seu ódio não há perdão
Foste orgulhoso no mundo
Não terá a salvação
Volte lá para a terra
Vá cuidar de sua guerra
No reino da escuridão.*

O Chaveiro do céu, porém, ao receber o Conselheiro, falou de modo inteiramente diferente.

*O Conselheiro foi ao céu
E a Deus pediu perdão
São Pedro lhe respondeu
Descansa aí teu bastão
Criarei um lugar novo
Pra descanso do teu povo
Até vir a redenção.¹²*

Reconstituindo os combates, Sara menciona, como nenhum outro, os nomes e as proezas da gente jagunça, arrumando, com desembaraço poético, história e estórias dos tempos de antanho. Seu folheto, pois, não é, simplesmente, uma boa quantidade de versos, mas também uma contribuição de caráter histórico,

¹² SARA, J. *Meu folclore*; história da Guerra de Canudos, 1893-1898. Biografia de Antonio Conselheiro. Sua vida em sua terra, o Ceará. Cocorobó destruirá Canudos e restabelecerá os Belos Montes. 4. ed. Museu do arraial Bendengó. Euclides da Cunha, 1963. p. 40-1. Não conhecemos as outras edições do folheto.

recolhida na voz do povo, que ainda recorda - e não raro enaltece - Antonio Vicente Mendes Maciel, o Bom Jesus Conselheiro.

2 ANTOLOGIA

2.1 ABCs recolhidos por Euclides da Cunha¹³

A 15 de Novembro
Não se pode resistir
Tirarão Governo da Corte
Para desgraça do Brasil.

Brincando ficarão eles
Com toda a fidalguia
Já vem os reis mais perto
Fazendo grande Armonia.

Çaio D. Pedro Segundo
Para o reino de Lisboa
Acabösse a Monarchia
E Brasil ficou atôa.

Disem que são Império
para o mundo governar
Deus já foi servido
algum jeito hé de dar.

E o que quero encomendar
a meus amigos Brasileiro
a homem que tiver pensar
não entra na lei estrangeiro.

Fizerão grande Barulho
que o povo desertou
só si for o mesmo Deus
ou D. Pedro Imperador.

I garantidos pela lei

¹³ CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. São Paulo, Cultrix, 1975. p. 56-8. Euclides não registrou o título deste primeiro ABC.

esses malvados já estão
uns tem a lei de Deus
Outros a lei do Cão.

Ó que dia assinalado
que estamos p. a ver ...
de pobre si agoentar
e o Rico correr.

Patentes tem tirado
que já foi aborreçer
o Cão tem dado titulo
p.^a eles arreceber.

Homem de grande siença
comu Padres e Doutores
mitidos nesta lei
como q.^m já são defençor.

Indo a força p.^a cima
a concelhero malhar
nas catingas de Machete [Masseté]
lá foram todos se acabar.

Jemendo ficarão eles
i um tanto arrependido
de ver tanto povo morto
e muita Jente ferido.
Kasamento estão fazendo
para o povo inludir
a casar o povo todo
no casamento civil.

Liodoro como quis
este povo cativar
p.^a tomar conta do Mundo
p.^a ele governar.

Muito desgraçados eles
de fazerem alei-ção
abatendo alei de Deus
suspendendo alei do Cão.

Nassio o Antecristo
p.^a o mundo governar
ahi estar o concelheiro
p.^a dele nos livrar.

Queimados seja aquele
Que a Deus não der lovor
do Ceo não espera nada
no Inferno acabarão.

Rio Grande estar na guerra
com tamanha cobardia
acabando com a República
a favor da monarquia.

Sebastião já chegou
comta muito rijimento
acabando com o Civil
e fazendo os casamento.

Tanta gente que siassigna
nesta lei da falcidade
Xamemos por Jesus
que tenha de nós piedade.

U que reis de formosura
como é Sebastião
foi chamado pelo mundo
da portuguesa Nassão.

Visita vem fazer
Rei D. Sebastião
Coitadinho d'aquele pobre

que estiver na lei do Cão.

Horando já estão eles
por viver nas amargura
de ver o povo de Deus
que esta lei não atura.

Indo p.^a Cidade
se corro alcançar
de tenta dalapidadão
de lá se vae arrancar

zinco e cobre e Dinheiro
tudo está arrecolhido
para tomar conta
do Rio de Janeiro

no tal fallimos nós
por ser letra de portuguez
Vir Antonio Concelheiro
no Céu em todo lugar.

A meus Am.^o Brasileiro
perdão quero pedir
isto tem de acontecer
não tem p.^a onde fugir.

Quemixamo sou eu [ilegível]
mesmo moro [ilegível]
e a terra sem [ilegível]
e nem encoste de [ilegível].

Anden tantas nele [ilegível]
tem cousa [ilegível]
nossa não [ilegível].

ABC das incredulidade¹⁴

Agora vou declará
tudo quanto foi passado
na batalha Belo Monte
Cos homem civilizado
que vinhero brigá com Deus
ficaram acreditado

Bem pudia eles saberem
q. isto não pudia ser
di virem com Deus
q. hé quem tem toudo poder
i que o nosso Concelhero
não chega p.^a eles ver

Cahio este grande ímpio
lá do rio Janeiro
pirsiguido o Bom Jesus
i o nosso Conselhero
p. ^s só quem pode é Deus
q. governa o mundo amém

Daonde hé este homem
tão chêo di valentia
q. vem araza sidade
di manham athe meio-dia
Quanta fera os urubu
Coele fizeram fubá

Eu sempre con muito modo
mas mi puis arreparando
Os do Morera Sezar
qd.^o vinha camiando
dizendo aos seus sentinela

¹⁴ CUNHA, Euclides da. ABC das incredulidade. In: ____ . *Caderneta de campo*. São Paulo, Cultrix, 1975. p. 58-61.

q. p.^a perto fossem chegando
[segue, ilegível]

Kalunia e mais calunia
deste povo levantam
e correram foram
contar ao tal governador
a fim de vim persigui
ao nosso Salvador.

Lembrança ao Morera Sezar
que o zurubu mandou
i mandaro perguntá
si ele algum dia Brigou
i u q. foi q. hove agora
que nos pelado ficou.

Morera Sezar i thamarinho
eram os 2 vensidores
q^e viam ao Bello Monte
como raios abrazadores
mais ozurubú comeo
estes cabra matadores.

Na Quartafera de sinsa
as 11 hora do dia
presipiouse a batalha
na estrada da friguizia
O Snr Morera Sezar
Com o povo da companhia
chegaram no Bello Monte
a pino do meio dia.

Olhi que ignorança
deste homem da bahia
q^e só querem pirsigui
ao povo da conpanhia
nois temos nossa defeza

Jesuis Jose e Maria.

Us pobre dos soldadinho
Si viram tão avechado
mi ti ansi na catinga
Curriam que só viado.

Finalmente foram entrar
i alguma cousa robar
mas crêa perfeitamente
qui disto não si lucraro
Quartafera as 9 hora
corriam como cavallo.

Grandeza só tem Jesus
qui nos livra de toudo mal
assim como nos livramos
deste castigo mortal
daquelle inpio suberbo
qui vinha nos acabá.

Homem q. só majinando
in mata os inocente
P.^m Deus o castigou
inhuma hora derepente
morreo logos os jenerais
Commandantes i sargentos.

Indo ele comuinta fúria
ao Bello Monte arazá
mais elle si inganou
que vinhero se acabá
q. Deus não ajuntou seu povo
p.^a o demonho espalhá.

José Morera Sezar
14 batalhas vencêo
nas 15 vêo ao Bello Monte

e ozurubú o comeo
sendo elle tão valente
nem sei p.^a que morreu.

Pessa bonba a fugueti
Tudo isto nada virou
porq. viam persigui
As igreja do Senhor
viam p'ra nos acabá
i elles foi q. si acabou.

Qapitão Morera Sezar
hera homem di opinião
veo dar carne aos zurubú
nas Catingas do sertão
quem briga com o Bom Jesus
não conta vitória não.

Reis, Princepes e commandante
que aqui vier brigar
toudos he di si acabar
Como este generá
q. veio mais não voltou
não tem q. si quechá.

Snr Morera Sezar
Hera um cabra Mal Criado
tomou bala dos jagunço
ficou morto nos pelado
paresse si não mi engano
entre umburana i salgado.

Treis mil e 50 prassas
q. vinheram batalhá
toudos vieram a Bello Monte
i muitos poco ha de conta
porq. só quem pode he Deus
q. então perder não há.

Us pobre dos soldadinho
Si viram tão avechado
mi ti ansi na catinga
Curriam que só viado.
Ca dê nosso generá
ficou morto no pelado.

Vinha nois toudos
fiado neste grande generá
que vinha nos afiansando
de ir Bello Monte arrazá
mas elle já se acabou
q. vamos nois fazer lá.

Xora elle sem remédio
dizendo sempre o direito
elle ficou nos pelado
sabendo que me derreto
en qt.º mi lembra desta
outro crime não cometo.

Zomba rapaziada
di um causo q. a conteseo
di 2 generá valente
q. na batalha morrerão
q. viam com tanta fúria
i tão depressa correram.

Ò til he letra final
do ABC derradeiro
isto he p.ª dar inzemplo
a este homem desordero
que so querem pirsigui
o nosso Deus verdadeiro.

2.2 Versão coligida por José Aras

ABC das incredulidade

Agora vou falá
Tudo quanto tem passado
Na batáia do Belo Monte
Os hòme a findalisaro
Vinho brigá com Deus
Num ficara acreditado.

Bem podia êle sabê
Qui isto não podia sê
De vim brigá com Deus
Qui é qui tem todo pude
E qui o nosso Conseeiro
Num chegava pr'êles vê.

Começô o grande império
Lá no Rio de Janeiro
Só a fim de prosseguir
O Bom Jesus Conseeiro
Mais pudê só tem Jesus
Qui governa o mundo inteiro.

Donde saiu êsse home
Cum tamanha soberbia
Quiria arrasá a cidade
De manhã até mei dia
Quínta-feira os arubú
Cum êles fizeram fulia.

Eu cum muito mêdo
Fiquei de longe ispiando
O sinhô Moreira César
Quando vinha caminhando
Dizendo ao sordadinho

Pra perto fôsse chegando.

Filizmente fôro entrando
Alguma coisa roubáro
Porém creu prefeitamente
Qui disse num se lucráro
Quinta-feira 9 hóra
Corriam qui só cavalo.

Grandeza só de Jesus
Qui é quem pode nos livra
Assim cuma nos livro
Daquêle castigo morta
Daquêle impero superbe
Qui vinha prá nos acabá.

Homes que só maginava
Em acabá os inucente
Porisso Deus castigô
Numa hora de repente
Logo morreu o generá
O cumandante e tenente.

Inquanto êles pensava
Qui via o nosso conseieiro
Sé atiraro a corpo
Matáro os cumpanheiro
E dipois curria aos artos
Só cavalo de vaqueiro.

Genenrá Moreira Céza
Catorze batáia venceu
Na quinze veio a Belo Monte
Mais os urubú o cumeu
Seno êle tão valente
Eu nem sei cuma morreu.

Kalunas e mais kalunas

Esse pôvo alevantô
Corrêro e fôro contá
Contá ao tá gunvernador
Só a fim de prissigui
O Bom Jisus protetô.

Lembrança ao Moreira Céza
Qui os arubú mandou
Mandou priguntá prá gente
Se argum dia nós brigo
Qui vinha prá nos acaba
Ele foi qui se acabou.

Moreira Céza e Tamarino
Qui foi dois hôme brigado
Vinha prá nos acabá
Ele foi qui se acabô
Qui ficaro em Belo Monte
E os urubú ingordou.

Na quarta-feira de cinza
Pelas dez hora do dia
Cumeçô a batáia
No caminho da friguisia
Chegáro em Belo Monte
No pino do meio dia.

O nosso Conseiêro
Pru nós rezava o sinhô
Quando os macaco chegáro
Tinha gente qui chorô
Mais os qui tava isperano
No rio logo incrontô.

Pruquê êle dizia
No rio ninguém passô
E o qui passô num vorta
Quando a cornêta chamo

Paieú gritô - vamo gente
Qui o anti-cristo vortô.

Qui veio de lá bem longe
Do rio grande do sul
Prá brigá no Belo Monte
Vinha qui só cangussú
No arto das imburana
Foi só carne pus arubú.

Regeno seu bataião
Perna de cana caiana
Tumou bala em Belo Monte
E foi morrê nas Imburana
Veio cum tanto orgúio
Morrê na terra baiana.

Sinhô Tamarino
Junto cum seu cumpanhêro
Nunca mais vortará aqui
Prá matá o Conseiêro
Pruquê istamo guardado
Na Sombra dêste cruzêro.

Tenho dito muita coisa
E ninguém vem inganá
Qui seja corta-pescôço
De bem longe afamado
Se vim acabá Belo Monte
Êle é qui fica acabado.

Uma verdade eu digo
A quarqué republicano
Qui se vim cronta a gente
Num pássa na Imburana
O castigo está visto
O pescôço do tirano.

Veja bem cumo o castigo
Prá véio e prá môço
a nutícia qui nós tinha
Dêsse tá corta-pescôço
Ele perdeu a cabêça
Qui sêja fino ou grôssô.

Xóra prá tôdo lugár
Muié e fio dos macáco
Quem pressegue o Bom Jisus
Fica qui só um cavaco
Rolando sêco na terra
Sem tê nem mesmo um buraco.

Zombe quem quizé de nós
Qui tem de tumá o castigo
Pois nós temo a luz de Deus
Êles a luz do inimigo
Nóis istamo aqui rezano
Quem vinhé cai no pirigo.³

³ Versão de Manoel dos Santos – 1897.

2.3 A Guerra de Canudos do fanático Conselheiro

I

No anno de noventa e sete
Muita cousa aconteceu,
Pegou a guerra em Canudos;
Moreira Cesar morreu.

O governo precisava
De um homem forte e valente,
Que marchasse para a guerra
Destroçar aquella gente.

Appareceu Moreira Cesar
Homem valente e de estudos,
Offereceu seus serviços
Para partir p'ra Canudos.

O governo respondeu
Com grande satisfação:
Eu aceito, coronel,
A vossa dedicação.

Apromptou-se o batalhão
Com grande enthusiasmo,
Tal era a satisfação
Que a todos causava pasmo.

As mães dizião aos filhos
Ides meus filhos, e olhai:
Ou voltai victoriosos
Ou nunca mais, cá voltai.

A mocidade acadêmica
Foi-se logo offerecer,
Para marchar p'ra Canudos,
A republica defender.

O Batalhão Tiradentes,
Este punhado de bravos,
De heróis, e moços valentes
Correctos como os zuavos.

Aquartelou n'um instante
Com grande satisfação,
Para seguir p'ra Bahia.
Em defeza da nação.

A todos causou espanto,
Vendo tantos desapegos.
Estes moços patriotas
Abandonar seus empregos.

Na Capital, em S. Paulo,
No Rio Grande e Pará.
Batalhões foram creados
Para marchar para lá.

Chegavam de toda a parte
Protestos de adesão
Dos governadores de estado
Ao presidente da nação.

O governo recebeu
Telegrammas aos milhares,
De toda a parte enviados
Em termos familiares.

Nos estados do Brazil
Levantou-se a mocidade,
Organizando batalhões.
Em toda a localidade.

Para defender a republica,
Que se achava ameaçada,

Pelo fanático Conselheiro,
E mais a sua jagunçada.

O governo respondeu
Com grandes conhecimentos,
Que p'ra bater a revolta
Tinha fortes elementos.

Bastava só o exercito
Para pôr tudo em destroços,
Pois é sabido o valor,
De soldados como os nossos!

Apromptou-se, n'um momento
O sétimo de infantaria
E também seguiu com elle,
Uma ala de artilheria.

Depois de tudo arranjado,
Sem cousa alguma faltar
Mandou tocar a trombeta
E puzeram-se a marchar.

Com direcção a Saude
E no arsenal de guerra
Chegarão ao mesmo tempo
Uns por mar, outros por terra.

Embarcou o batalhão;
Mais seu bravo coronel,
Não ficou um só soldado
No seu antigo quartel.

Forão cheios de coragem
E de fé republicana,
Foram bater os jagunços
Daquella terra bahiana.

Soffreram muitos tormentos,
Aquelles homens guerreiros
Passaram até fome e sede
Durante dias inteiros.

Afinal que la chegaram
Com coragem e fé ardente
Aquelle bravo coronel
E mais toda a sua gente.

Entraram lá em Canudos
Tomarão as posições,
Sitiarão a cidade,
Colocarão os canhões.

Quando isso se fazia
No meio d'aquella estrada,
O Conselheiro ordenava
Uma descarga serrada.

O coronel que tal vio
E o effeito calculava
Mandou avançar a gente
Quasi Canudos tomava.

Quando uma bala inimiga
Disparada do arraial,
Ferio o bravo coronel
E mais outro official.

Vendo seu chefe ferido
Perderão logo a acção,
Faltava o braço direito
D'aquella corporação.

Mesmo depois de ferido
Moreira Cesar gritava:
Que custasse o que custasse

Elle Canudos tomava!

Deu ordens a seus soldados,
A todos coragem deu,
Ordenou a avançada,
E logo após falleceu.

Morreu este patriota,
Uma gloria do Brazil:
A favor de sua pátria
Contra aquella gente vil.

O Brazil ficou de lucto
E o exercito tambem;
Todos chorarão a morte
Daquelle homem de bem.

||

O governo ordenou
Uma nova expedição
Para acabar com a guerra
Deste maldito sertão.

Mandou o Arthur Oscar
E mais quinze batalhões,
Que seguiram, logo logo,
Para os inhospitos sertões.

Acabar e de uma vez
Com aquella gente maldita!
Traiçoeiros e cobardes
Filhos de raça proscripta.

Quantas desgraças meu Deus!
Quantos homens preciosos!
Quanto dinheiro perdido,
Por causa de ambiciosos!!

O general Arthur Oscar
Do Sul, o heróe primeiro,
Foi bater a jagunçada,
Do fanatico Conselheiro!

Taes medidas adaptou,
Aquelle bravo general
Que a guerra de Canudos
Está quasi no final.

Os jagunços perseguidos,
Por uns e por outros lados,
Fogem todos espavoridos,
Avistando nossos soldados.

Podemos dizer agora
Dizer e a penna não erra
Que por todo esse mez
Está terminada aguerra.

Oh! mães e pais, socegai
Que a guerra está terminada!
Já morreu o Conselheiro
Acabou-se a jagunçada!

Esta horda de bandidos
Fanaticos e traiçoeiros,
Afinal foram batidos
Pelos soldados brasileiros.

Gloria áquelles que morrerão
Com a fé republicana
Defendendo sua pátria
Longe, na terra bahiana.

Viva o povo brasileiro
E tambem seu presidente
Gloria aos mortos de Canudos

Chorados por toda a gente!⁴

⁴ CUNEGUNDES, João de Souza. *A Guerra de Canudos no sertão da Bahia*. Rio de Janeiro, Livraria do Povo, Quaresma & Cia. Livreiros Editores, 1897.

2.4 A Guerra de Canudos⁵

No ano noventa e sete
O exército brasileiro
Achou-se comandado
Pelo general guerreiro
De nome Artur Oscar
Contra um chefe cangaceiro.

Ergueu-se contra a República
O bandido mais cruel
Iludindo um grande povo
Com a doutrina infiel
Seu nome era Antonio
Vicente Mendes Maciel.

Por causa dêste bandido
Ter a mãe assassinado
Fugiu do Aracati
Do Ceará seu Estado
Vestia-se como frade
Se conservando barbado.

De alpercatas, um cajado
Armado de valentia
Seu pensamento era o crime
Outra causa não queria
Agradou-se de Canudos
Que é sertão da Bahia.

Para iludir ao povo
Ignorante do sertão
Inventou fazer milagre
Dizia em seu sermão
Que virava a água em leite
Convertia as pedras em pão.

⁵ SILVA, João Melchíades Ferreira da. *A Guerra de Canudos*. s.l.p., s.c.p., s.d.

Criou-se logo em Canudos
Um batalhão quadrilheiro
Para exercitar os crimes
De um chefe cangaceiro
Então lhe deram três nomes
De Bom Jesus Conselheiro.

Os homens mais perversos
De instinto desordeiro
Desertor, ladrão de cavalo,
Criminoso e feiticeiro,
Vieram engrossar as tropas
Do fanático Conselheiro.

Dispondo o Conselheiro
De gente a sua vontade
Levantou duas Igrejas
E construiu uma cidade
Se fêz govêrno dela
Com muita ferocidade.

Tomou vinte léguas em roda
Com as fazendas de gado
Matando os fazendeiros
Deixando prédios arrasados
E muitos para escapar
Foram os seus recrutados.

Confiado no cangaço
E nos crimes que fazia
Acabou com os impostos
Pelo centro da Bahia
Dizendo que mais tarde
Restaurava a monarquia.

Foi acabar com Canudos
A primeira expedição

Do tenente Pires Ferreira
Que chegando ao sertão
Foi ferido com as praças
Voltou sem ganhar ação.

Na guarnição da Bahia
O comando do distrito
Baixou em ordem do dia
Do telegrama transcrito
Para nova expedição
o Major Febrônio de Brito.

Partiu o Major Febrônio
Comandando um batalhão
De quatrocentos soldados
Com dois Krups e munição
Os jagunços no Cambaio
Cortando-lhe a direção.

Por oito mil jagunços
Foi o Major atacado
O Major para o combate
Mandou formar um quadrado,
Na luta o bravo Major
Ficou muito admirado.

Conheceu o major Febrônio
Que a guerra não vencia
Morreram dez soldados
De sua infantaria
Matou noventa jagunços
E voltou para a Bahia.

Foi tirado Moreira César
Com o 7.º de Infantaria
Um contingente de engenheiro
Um esquadrão de cavalaria
Veio engrossar as tropas

Da guarnição da Bahia.

O govêrno da Bahia
Com histórias traiçoeiras
Disse a Moreira César
Canudos é uma asneira
Lá só tem duzentos homens
E umas velhas rezadeiras.

Moreira César enganado
Subiu para o alto sertão
Com mil e duzentos homens
Quatro peças e munição
Marcharam três coronéis
Com esta expedição.

Sabendo o Conselheiro
Notícia por seu espia
Que o Moreira César
Sôbre o Canudo investia
Estava com três léguas
Chegava no outro dia.

Informado o Conselheiro
Que só vinha uma brigada
Retirou logo os piquetes
De sua guarda avançada
Para derrotar o César
Lhe confiou a entrada.

Avançou Moreira César
Em ala de batedores
Sem encontrar resistência
Para seus franqueadores
Assim entrou em Canudos
Em linha de atiradores.

Levantou-se o Canudos

Qual marimbondo assanhado
Com grande fuzilaria
Entrou a morrer soldado
Foi logo Moreira César
Gravemente baleado.

Moreira César afastando
Na Favela acampou
Deu parte aos companheiros
Do balaço que tomou
E o comando das fôrças
Ao Tamarindo entregou.

Morreu Moreira César
Perdeu-se um homem guerreiro
Esmoreceu Tamarindo
Seu intento derradeiro
Mandou tocar retirar
Com mêdo do Conselheiro.

Deu coragem aos jagunços
Que ao ouvir tocar retirada
Correram pelas veredas
Empiquetando a vanguarda
Abondonaram os feridos
Disparou tôda brigada.

No Angico Tamarindo
Terminou sua partida
Foi varado de um bala
Dizendo: "pela ferida
Dou quatro contos de réis
A quem salvar minha vida".

Senhor Major Cunha Mattos
Tome conta da brigada
Sustente o fogo de costa
Com a mesma retirada

E não me deixe morrer
As mãos desta jagunçada.

Escapa, escapa, soldado
Quem tiver perna que corra
Quem quiser ficar que fique
Quem quiser morrer que morra
Há de nascer duas vezes
Quem sair desta gangorra.

A artilharia de pesada
Ficou sem proteção
Coitados dos artilheiros
Que foram pegado a mão
Tomada as bôcas de fogo
Morta sua guarnição.

O capitão Vilarins
Batalhou como um leão
Recebeu muitas feridas
Abraçou-se com o canhão
Morreu assim abraçado
Com as armas da Nação.

O cabo Daniel
Com outro seu companheiro
Foram presos com as peças
A presença do Conselheiro
Então ficou o Canudos
Com peça e chefe artilheiro.

Os cadáveres dos militares
Foram todos encoivarados
O Coronel Moreira César
Na coivara foi queimado
O Coronel Tamarindo
Morreu num pau amarrado.

Teve um dr. engenheiro
Que se vendo perseguido
Subiu a uma montanha
E lá ficou esquecido
Sofrendo de fome e sede
Morreu no bosque perdido.

Queimadas telegrafou
Para o Rio de Janeiro
Morto Moreira César
Vítima do Conselheiro
Esta notícia assustou
Todo exército brasileiro.

O senhor ministro da guerra
Tratou de telegrafar
Para todos os comandos
De distrito militar
Que reunisse os batalhões
Urgente para embarcar.

Então do Norte e do Sul
O exército se movia
Vindo tudo se ajuntar
No Estado da Bahia
Queimadas era o ponto
Que as forças se reunia.

O 27.º, não tendo
Vapor para embarcar
Seguiu em trem expresso
da Paraíba ao Pilar
Fêz a viagem por terra
Por ordem de Artur Oscar.

O General Artur Oscar
Nesta operação
Ofereceu-se para ir

Comandar a expedição
De acôrdo com o ministro
E o govêrno da Nação.

Achando-se no Recife
Num largo da Capital
O 14.º e o 27º
Formaram linha lateral
Fêz um pequeno discurso
Nosso bravo general.

“Aqui, disse o general,
Soldados nossa viagem
É marchar para o inimigo
Dá o passo de coragem
E voltar no fim da guerra
Gozar da nossa vantagem.”

O 14 batalhão
Na guerra é veterano
Nunca recuou combate
No mais arriscado plano
Chora sua partida
O povo pernambucano.

O 27º é batalhão nôvo
Inda não deu campanha
É um batalhão garboso
Também quer contar façanha
Quer seu nome na história
Das vitórias que se ganha.

Foram oito coronéis
E também três generais
Quatro tenentes-coronéis
Com bravos oficiais
Comandando oito brigadas
Das nossas fôrças legais.

O General Savaget
Pelo Sergipe seguia
Com a segunda divisão
Que para Canudos ia
Artur Oscar e o Barbosa
Subiram pela Bahia.

A 25 de junho
Nós dormimos no Rosário
Chegamos a 26
No tal Rancho do Vigário
Com mais três léguas dávamos
No Canudos sanguinário.

Amanheceu o domingo
Seguimos marcha pesada
Emídio Dantas Barreto
Ia levando a vanguarda
O 25º e o 27º
Iam dar numa emboscada.

Nos marchávamos no silêncio
A divisão se assustou
Vendo a cinza dos defuntos
Que o Conselheiro queimou
Entre a Serra do Angico
O fogo arrebentou.

O major Severiano
Gritou como mais guerreiro
Dizendo viva a República
E o exército brasileiro
Já se botando os feridos
Na sombra de um umbuzeiro.

Nós chegamos em Canudos
Às 5 e meia da tarde

Em uma chuva de bala
Causando uma mortandade
Cessou fogo com a noite
Já pela obscuridade.

O coronel Olímpio
Estendeu artilharia
No alto da Favela
Em ordem de bateria
Começou o bombardeio
Na manhã do outro dia.

O Conselheiro mandou
Cercar nossa divisão
Fazer melhor pontaria
Sôbre os homens de galão
Pois não temia ao govêrno
Nem a sua expedição.

Então travou um combate
Ribombava a artilharia
Do exército e jagunços
Queimavam a fuzilaria
Tomou-se uma trovoada
Em todo correr do dia.

Amanheceu 29
Todo campo ensanguentado
O general Savaget
Já estava baleado
Se enterrando os mortos
E o hospital medicado.

Nove carros de farinha
Os jagunços havia queimado
Mataram quatro marchantes
Que vinham fornecer gado
Vi morrer gente de fome

Porque não houve cuidado.

Morreu o Coronel Flores
Nos combates da entrada
Dantas Barreto assumiu
O comando da brigada
Levando o 25º
Batalhão de sua guarda.

Um marchante de Vila Nova
Odiava ao Conselheiro
Chegou a 13 de julho
Com o coronel Medeiros
Com a boiada em Canudos
Para o exército brasileiro.

A 18 do mês de julho
Com tôda atividade
Deu-se um ataque em Canudos
E tomou-se pela metade
Os mortos foram demais
Contristou nossa vontade.

O nosso comando em chefe
Vendo a tropa num destrôço
Telegrafou ao govêrno
Mandou pedir um refôrço
Que para vencer Canudos
Ocupava um grande esfôrço.

O coronel Olímpio
Nesta luta não dormia
Bombardeando Canudos
Ocupado noite e dia
Não cessava o tiroteio
Da nossa fuzilaria.

Pegou a descer doente

Manquejando pelo pé
Para a Bahia os feridos
Com o general Savaget
O 27º era quem vinha
Deixá-los nos Jueté.

Morreram muitos oficiais
E baixaram para a Bahia
Tanto que um alferes
Do 15º de Infantaria
Servia como fiscal
E comando de companhia.

Chegou até Monte Santo
Nosso grande Marechal
Bittencourt ministro da Guerra
Com o refôrço federal
Do Pará, Manaus e S. Paulo
Veio a fôrça estadual.

O coronel Olímpio
Com o 27º batalhão
Tomou a Fazenda Velha
Onde assestou seu canhão
Então daí tôdas as fôrças
Melhoraram de posição.

Chegou o refôrço em Canudos
Para a luta melhorar
O general Carlos Eugênio
Irmão de Artur Oscar
Então correu a notícia
Canudos vai se acabar.

Seguiu-se a linha de fogo
Circulando o arraial
Fêz-se cêrca dos soldados
A espécie dum curral

Ficou Canudos cercado
Pela fôrça federal.

Incendiou-se Canudos
Muitos morreram queimados
Nas labaredas do fogo
Ficaram carbonizados
Achou-se as mães em carvão
Com os filhinhos abraçados.

Nosso pavilhão de guerra
Hasteado tremulando
Os comandos de brigada
Foram o combate apertando
A vitória da batalha
Nos montes nos procurando.

Os jagunços encurralados
Brigando sem garantia
Ergueram bandeira branca
Como quem a paz pedia
Saiu fora um beatinho
Uma embaixada trazia.

Chegou-se ao comando em chefe
Deu logo a sua embaixada
Os jagunços mandaram dizer
A guerra estava acabada
Deixando êles irem embora
Com as armas de caçada.

O general respondeu
Não tinha acôrdo a fazer
Porque não cuidaram antes
Dêste primeiro dever
Pois êles foram culpados
De tanta gente morrer.

Derramaram muito sangue
Levaram a vida em matar
Lhe concedo duas horas
Que venham se apresentar
Êles ficaram e mandaram
As mulheres se entregar.

No dia 5 de outubro
A cidade foi tomada
As cornetas avisaram
Pelo toque de alvorada
Que a vitória chegou
A guerra estava acabada.

Fomos chorar pelos mortos
Companheiros veterano
Morreu cinco comandantes
E o major Severiano
Mais de 5 mil homens
Pisou no solo baiano.

Foi desmanchada a cidade
Tôda telha se quebrou
Derrubamos as Igrejas
A madeira se queimou
A cidade criminosa
Como tapera ficou.

Na cova do Severiano
Comandante Tupi Calda
Escreveu-se lembrança fúnebre
Pelos soldados chorada
Sentindo os oficiais
Perder tão valente espada.

Conselheiro estava morto
Foi de seu túmulo arrancado
Largando barba e cabelo

Há dias foi enterrado
Então viemos embora
Que tudo estava acabado.

Os oficiais telegrafaram
De Queimadas em seguida
Eu também telegrafei
A minha família querida
Dizendo atravessei
O tal Canudos com vida.

O Cabo Daniel
Preso pelo Conselheiro
Encontrei-o na guerra do Acre
Servindo de artilheiro
Depois deixei-o em Minas
Vim para o Rio de Janeiro.

Brasileiro é povo mau
A inveja o crime encerra
A política é quem impesta
Mais o crime em nossa terra
Pois nos braços da política
Morreu o ministro da Guerra.

Terminei duas revoltas
Mais fiquei aposentado
Me lembro do tempo velho
Do serviço de soldado
Quando sonho com a guerra
Acordo entusiasmado.

2.5 História de Antonio Conselheiro⁶

No tempo da Monarquia
certos casos sucederam
que vale a pena contar-se
pelo que êles mereceram,
castigo que alguns levaram
desgosto outros sofreram.

Antonio Vicente Mendes
Maciel, era cearense,
e em Quixeramobim
que ao Ceará pertence,
tinha casa de negócio
pois o labor tudo vence.

Depois que a última irmã
das 3 solteiras casou,
êles arrumando a mala
do Ipu se retirou,
depois casou-se e por isso
seu futuro procurou

Morava lá no Ipu
onde muito trabalhou
por ser a espôsa bonita
um soldado a carregou
e Antonio Conselheiro
por isso se apaixonou.

Sua paixão foi tremenda
que não pôde suportar
e abandonando o Ipu
nos sertões foi se embrenhar

⁶ BELÉM, Arinos de. *História de Antonio Conselheiro*; campanha de Canudos. Belém, Guajarina – Casa Ed. de Francisco Lopes, 1940.

fazendo-se penitente
de olhos fundos a chorar.

Penetrou pela Bahia
em traje de penitente
deixou crescer o cabelo
que nunca mais viu um pente,
as unhas também cresceram,
ficou mesmo repelente.

Por onde ia contava
a desdita que sofria
e pregando um nôvo credo
do jeito que êle sabia
já levava um bom magote
ao penetrar na Bahia.

Fêz-se evangelizador
e o povo o acreditou
e assim dessa maneira
fama e nome êle ganhou
que em todo o derredor
outro igual não se achou.

Os seus livros de orações
para os meses e semanas,
conforme depois se soube,
foram "Horas Marianas"
e "Missões abreviadas"
de autorias romanas.

E numa linguagem tola
sem saber quase expressar
O Antonio Conselheiro
começou a manobrar
e dizem que fêz milagres
mas não é de acreditar.

O que êle fêz foi criar
a cidade de Canudos
com suas duas igrejas
onde os cegos e os mudos
faziam as suas preces
entre os "coronéis" baludos.

Porque naquelas igrejas
entrava até fazendeiro
levado do fanatismo
de Antonio Conselheiro,
e lá fazendo suas preces
também deixavam dinheiro.

Em 1882
decorridos muitos dias
começou o Conselheiro
a fazer as profecias,
uma porção de tolices
verdadeiras utopias.

O arcebispo da Bahia
reclamou contra o impostor
que nenhum caso ligou
às ordens dêsse Pastor,
continuando os discursos
da Bahia em derredor.

Por ter desobedecido
nova fama conquistou
porque para os seus jagunços
a natureza o dotou,
e por isso o arcebispo
bem prudente se calou.

Porém os discursos
iam anarquizando o sertão,
a doutrina que pregava

era de rebelião,
fanatizando os jagunços
até contra a religião.

E no ano de 87
o arcebispo reclamou
ao ministro do Império
e sua atenção chamou
para o homem de Canudos
que impossível se tornou.

Da Bahia o presidente
achou prudente reagir
e ao Rio de Janeiro
em ofício fez pedir
um lugar no Manicômio
para o Conselheiro ir.

A resposta que êle teve
lá do Rio de Janeiro
é que não havia vaga
para Antonio Conselheiro
que ficou mais bem cotado
e ficou mais desordeiro.

No arraial do Bom Jesus
Arvorou sua bandeira,
Era rei absoluto
da canalha desordeira,
Canudos era o refúgio
da malvada cabroeira.

A Monarquia assim quis
naqueles tempos passados
quandos os bons republicanos
se viam sacrificados,
e Canudos era abrigo
de muitos cabras safados.

Lá se matava e esfolava
sem se dar conta a ninguém,
a vingança mais mesquinha
ali o seu refúgio tem
e os crimes num só dia,
até passavam de cem.

Proclamou-se a República
e nada ali mudou,
e mesmo estado de coisas
Em Canudos continuou,
os próprios republicanos
maior parte se acabou.

Era o ódio que vingava
naquele esconso lugar
e Antonio Conselheiro
ignorante invulgar
mantinha o seu predomínio
e continuava a pregar.

O abuso já era tanto
em nação civilizada
que o general Solon
comandando a brigada
fêz-se de marcha à Canudos
com tropa disciplinada.

Essa tropa preparou-se
no ano de 96,
composta de 104
soldados e furrieis,
o 9º de infantaria,
e subalternos mais três.

Comandando êsses soldados
para a luta verdadeira
ia o tenente Manuel

da Silva Pires Ferreira,
que estacionou em Uauá,
bem disposta e sem cansada.

Os jagunços o atacaram
até mesmo em Uauá,
iam em reconhecimento
por aqui, por acolá,
e o tiroteio foi grande,
assim se soube por cá.

Da jagunçada feroz
foi enorme a mortandade
e da tropa federal
que foi brava de verdade
houve desesseis feridos
que voltaram pra cidade.

Morreu no 9º um alferes,
um sargento e mais seis praças,
dois guias também morreram
pelos jagunços desgraças,
que parece até lutavam
com gente de várias raças.

Os federais resolveram
seguir até Juazeiro
e ao Major Febrônio Brito
o tomam por companheiro
organizando-se então
um nôvo e melhor roteiro.

Assim juntou-se ao 9º
o 26º e o 33º
e mais de duzentas praças
da polícia a junção fêz,
com metralhadoras krupp
e munição para um mês.

Partindo de Monte Santo
pela estrada do Cambaio
no dia 12 de janeiro
de 97, sem desmaio,
foram perto de Canudos
que solta trovões e raio.

A estrada de Combaio
era torta, desigual,
tôda cheia de buracos,
verdadeiro pantanal,
dificultando a manobra
para a tropa federal.

Apanhados de surprêsa
os soldados federais
e os soldados da polícia
se viram em apuros tais
porque lutavam, coitados,
em terrenos desiguais!!

Estavam em plena estrada
e sem nenhuma trincheira,
e os jagunços nas tocaias
em vingança traiçoeira,
atiravam protegidos
por detrás da ribanceira.

E então no meio da estrada
a expedição estacou,
e cercada pelo fogo
dos jagunços, enfrentou,
de peito aberto os tiraços
que a vida de muitos tirou.

O major Febrônio ordena
os seus krupp metralhar

e foi assim com canhão
que êle fêz silenciar
a jagunçada relutante
que tratou de retirar.

O batalhão 33º
teve ordens de avançar,
e o resto da soldadesca
sem nenhum desanimar
vai até "Taboleirinhos",
tem ali de pernoitar.

Quando o dia amanheceu
a jagunçada atacou
e o fogo de tôda parte
cada vez mais aumentou,
e com tôda pressa a tropa
federal se retirou.

Com setenta e tantos mortos
e feridos, "a bravura
não pudemos contestar"
embora a maior ventura
fôsse do lado contrário
em horrível catadura.

A expedição Febrônio
com falta de munição!
não podia aguentar
essa luta no sertão,
mas eis que vem a Canudos
uma outra expedição.

Quem essa outra chefia
é o bravo coronel
Antonio Moreira César
que traz repleto quartel
com mil e duzentos homens

para um encontro revel.

É o dia 27
de Fevereiro que ordena
a Marcha sôbre Canudos
em que ninguém se condena,
e em marcha acelerada
todos deixam a caserna.

A avançada é geral.
Frente a Canudos parou
a vanguarda ataca firme
a artilharia ajudou,
Moreira César avança
e em Canudos penetrou.

A luta está em Canudos
dentro das habitações:
é morte por todo lado
e emboscadas nos sertões
das feridas dos soldados
jorra sangue em borbotões.

O combate é de emboscada
por parte da jagunçada
que atira à queima roupa
na tropa destrincheirada,
que perdendo muitos homens
bate logo em retirada.

Moreira César, o chefe,
o assalto observa,
A margem do Vaza-barris
de binóculo êle olhava
assistindo o morticínio
que lá em Canudos se trava.

Os jagunços aumentavam

e a sua tropa perdia,
o trabuco do jagunço
de hora em hora crescia
e até mesmo o chocalhar
da baioneta se ouvia.

Vendo essa luta indecisa
êle o cavalo picou
queria assistir de perto
o combate em que entrou,
mais uma bala certa
em seu ventre se cravou.

Mortalmente baleado
Moreira César caiu,
"não desceu do seu cavalo"
mas um tenente o acudiu
o tenente Ávila, herói,
que amparado o conduziu.

É quando surge outra bala
que a sua vida acabou.
Moreira César se afasta
no cavalo em que montou
e o coronel Tamarindo
a campanha chefou.

Anoitecia. Canudos
era mesmo um hospital,
as igrejas se abriram
e todo povo em geral
foi rezar as ladainhas
ao som de uma monumental.

E é nessa madrugada
que o coronel faleceu,
cercado dos camaradas
Moreira César morreu,

o coronel Tamarindo
suas ordens recebeu.

Tamarindo, sua tropa
em retirada conduz,
seus homens estavam mortos
uns famintos, outros nus
cercados pelos jagunços
mais terríveis que urubus.

A tropa assim se retira
de Canudos do sertão,
protegidos pelos krupps
do Capitão Salomão,
"que garante a retirada
sem nenhuma confusão".

Sobre sua artilharia
a jagunçada avançou,
o capitão Vilarim
fêz fogo e não recuou,
mas um tiro dos jagunços
ali sem vida o deixou.

O capitão Salomão
continua a disparar,
mais uma bala inimiga
vem sua vida acabar,
os seus krupps são tomados
não há mais jeito que dar.

O coronel Tamarindo
uma bala o abateu
e bem no meio da estrada
em pouco tempo morreu,
"a retirada da tropa
sérios reveses sofreu".

A jagunçada tomou
tôda aquela munição,
Canudos fortificou-se
lá no centro do sertão
com krupps e Manuhchers
que tomou da expedição.

"Todo o Brasil alarmou-se,
Moreira César morreu,
o coronel Tamarindo
também desapareceu,
e dêsse modo o Brasil
filhos ilustres perdeu."

Urna quarta expedição
O govêrno fêz seguir,
o 12° e o 25°
são chamados a intervir
o 30° e o 31°
também têm de reunir.

Do Rio Grande do Sul
é que essa tropa vem
juntamente o 32°
que é dêsses lados também
e de lá da Paraíba
o 27° já vem.

Do Rio Grande do Norte
o 34° chegou,
33° e 35°
do Piauí já formou,
o 5° do Maranhão para a luta ja rumou.

O 26° de Sergipe
e o 4° do Pará
o 14° e o 5°
em Pernambuco já está,

9º e 5º federais
2º do Ceará.

Da Capital Federal
corpo de Artilharia
1, Nove e 16
se preparam na Bahia
e com tantos batalhões
o governo ganharia.

Era um rancho de soldados
valentes até demais
instruídos e adestrados
por valentes generais,
às ordens de Artur Oscar
de Andrade Guimarães.

Êsse comandante em chefe
em queimadas acampou
e de seis fortes brigadas
o exército se formou,
3 batalhões cada uma
um coronel comandou.

As 6 brigadas formaram
duas colunas valentes,
as brigadas um, 2, 3
essas marcharam contentes
e é João da Silva Barbosa
general das suas frentes.

A quarta, quinta e sexta
brigadas de muita fé,
são a segunda coluna
que "não nega o que ela é"
e o seu general é Cláudio
do Amaral Savaget.

O General Artur, manda
sôbre Canudos marchar:
os jagunços se preparam
a luta vai começar
a bala de parte a parte
já começa a pipocar.

Primeira coluna avança
entre morticínios e dôres,
o céu se cobre de fumo
parecendo de outras côres,
do 7º corpo falece
o coronel Tompson Flôres.

Substitui no comando
do 7º Regimento
o major da Cunha Matos
que recebeu um ferimento
passando logo o comando
sem perda de um momento.

Entregou o Regimento
que em grande luta se agita
ao major de nome Carlos
Frederico de Mesquita,
que assumindo o comando
segue para a luta invita.

Mal penetra nessa luta
de sangue o campo vê tinto,
a soldadesca lufando,
é verdade e eu não minto,
ferido é êle mudado
Capitão Pereira Pinto.

Uma bala atira no chão
o major Carlos Mesquita,
Capitão Pereira Pinto

o substitui e se agita,
há mortos por tôda parte
de todo lado se grita.

Cento e quatorze soldados
o regimento perdeu,
e uns 9 oficiais
ali no campo morreu
e da noite para o dia
mais o combate cresceu.

o 14º Regimento
que lá se viu "singelo"
perdeu o seu comandante
major Pereira de Melo,
o capitão Souza Campos
e mais o sargento Belo.

Também perdeu o capitão
Martiniano Oliveira,
e um tenente o comandou
diante da cabroeira
lutando horas a fio
cercado da cangaceira.

Essa primeira coluna
estava tôda cercada
já não podia lutar
não podia fazer nada,
para onde se mexesse
podia ser arrasada.

Havia uma esperança
onde estava tôda fé,
era segunda coluna
que todos sabem qual é,
a coluna sob as ordens
do coronel Savaget.

A 25 de junho
a hora do meio dia
o batalhão de lanceiros
para Canudos seguia,
o coronel Carlos Teles
na sua frente é que ia.

De um de seus cavalos
os lanceiros avistaram
os jagunços amoitados
e a bala nêles passaram,
das balas dêsses lanceiros
muitos jagunços tombaram.

O batalhão de lanceiros
fêz a bravura e voltou,
o coronel Savaget
a coluna organizou,
e em ordem de combate
para Canudos marchou.

Comandava uma Brigada
daqueles mundos nos fins
com 40º na vanguarda
coronel Serra Martins
Trinta e quatro e trinta e cinco
na reserva dos confins.

O combate é tão medonho
que todos perdem a fé,
é bala de tôda parte
ninguém sabe de onde é,
quando ordens se recebe
do coronel Savaget.

Entre as gentes dos jagunços
alguns havia de saias,

metidos de serra acima
enfurnados nas tocaias,
era impossível matá-lo
sem levar algumas vaias.

O coronel Savaget
vendo o jagunço enfurnado
ordenou que à baioneta
fôsse êle desalojado,
e ao 31º êle ordena
êsse trabalho arriscado.

O 31º marcha afoito
coronel Teles guiou,
a jagunçada surprêsa
nem um instante esperou
muitos dêles das tocaias
com o trabuco escapou.

Nessa "arrancada gloriosa"
a jagunçada - "ululante"
vai fugindo e atirando
e sai ferido triunfante,
o coronel Savaget,
e também seu ajudante.

Uns cento sessenta e oito
oficiais e praças feridos
e vinte e sete soldados
e oficiais sucumbidos
nesse assalto à baioneta
aos jagunços atrevidos.

A 6ª Brigada era
quem os mortos enterrava,
e terminado o combate
seu dever executava,
mas além dessa missão

em luta também entrava.

Lá bem perto de Canudos
segunda coluna acampou,
guardando todo terreno
que na luta conquistou,
mas a primeira coluna
dos jagunços se cercou.

O general Artur Oscar
vendo a coluna perder-se
mandou um seu emissário
com o coronel entender-se,
que salvasse essa coluna
que estava quase a render-se.

O coronel Savaget
mesmo ferido rumou
onde estava essa coluna
e feliz a libertou
general Artur Oscar
o seu feito palmeou.

Era preciso tomar
aos jagunços novamente
um comboio que tomaram
dessa coluna valente,
coronel Serra Martins,
fêz tomada excelente.

Começou a faltar bóia
e tudo se escasseiou,
mesmo o sal e a farinha
nos quartéis cedo faltou
"até mesmo generais
falta dêles se notou".

E foi a 13 de junho

que o tal comboio chegou,
com a chegada de víveres
tôda tropa se animou,
e para a luta final
com alma se preparou.

O assalto final da luta
foi logo então decidido
sob a tenda de Campanha
do coronel, bem ferido,
que com o General Barbosa,
pôs o caso resolvido.

O combate foi traçado
na sua razão de ser
ou Canudos se rendia
ou êles iam morrer,
e ali se decidiram
de um lado ou outro vencer.

Foi a 14 de julho
o feriado da Bastilha
que os jagunços acordaram
sob os tiros da estampilha
todos os Krupps salvaram
espantando a jaguncilha.

E a 18 de julho
Canudos foi assaltado
pela primeira coluna
que cercou de lado a lado
na retaguarda a segunda
já vem "a passo apressado".

Às 8 horas chegava
do Vaza Barris à beira,
participando o ataque
às casas dos cabroeira

que brigam de todo jeito
de mosquetão e rasteira.

A luta é por todo vale,
nos outeiros e colina,
é mesmo de serra acima
conforme o caminho ensina
e de uma e outra forma
o jagunço se "elimina".

São gravemente feridos
coronel Serra Martins,
Carlos Teles, Antonio Neri,
das distâncias nos confins,
Capitão Antonio Sales,
que com outros vê seus fins.

O general comandante manda
as posições guardar,
e ninguém sem sua ordem
tem dali se retirar,
vai pedir mais um reforço
para a luta continuar.

Novecentos quarenta e sete
nessa luta se perdeu,
o comandante em chefe
nem por isso esmoreceu,
e consultando sua tropa
nôvo plano concebeu.

Precisou cinco mil homens
e ao govêrno apelou,
lá no Rio de Janeiro
o govêrno concordou,
e mais outros batalhões
para Canudos mandou.

O acampamento Canudos
estava semi-cercado
e Monte Santo já estava
de feridos povoado,
era preciso mais gente,
Canudos ser arrasado.

No Rio se organizou
a tal Brigada Girard
com o Vinte dois, Vinte quatro
Trinta e oito pra brigar
mil quarenta e duas praças
foram no cais embarcar.

Sessenta e oito oficiais
esta tropa incorporou
e quando fôram chamados
nenhum dêles recusou
"todos partiram contente
o Deus os obrigou".

As fôrças policiais
também foram convocadas,
General Artur Oscar
de "idéias elevadas"
forma o Corpo Auxiliar
pra final das avançadas.

Também do Pará partiu
O Primeiro e o Segundo
corpos de Infantaria
"queria ir todo mundo,
para brigar com jagunço
com patriotismo profundo".

A polícia do Pará
nunca conheceu reveses,
sua fama é conhecida

por muitas e muitas vêzes,
comandou-a o coronel
José Sotero Meneses.

Êsse coronel do Exército
não respeitava trabuco
e Antonio Conselheiro
para êle era um maluco,
por isso daqui embarcou
num tal vapor "Pernambuco".

Era do Loide o navio,
de passageiros e de frete,
aos cinco dias de agôsto
do ano noventa e sete,
zarpou a uma da tarde
com capitão e grumete.

Aos dezesseis de agôsto
no meio de grande espanto
chega a Polícia à Bahia
"sem canseira e sem quebranto"
a vinte e um vai à Queimadas
e a trinta a Monte Santo.

A quatro de setembro chega
a Monte Santo e esperou,
cinco dias de caminho
até lá ela marchou,
e a treze de Setembro
nova marcha começou.

A dezesseis dêsse mês
em Canudos acampou,
major João de Lemos
1º comandou,
e o morro da Favela
foi posição que tomou.

O segundo é comandado
– enquanto a metralha estoura
coronel Antonio Sérgio
Dias Vieira da Fontoura,
cuja ousada valentia
inda hoje seu nome doura.

Fontoura foi proteger
a Artilharia primeira
do coronel comandante
Antonio Olímpio Silveira
que lá em Fazenda Velha
atacava a jagunceira.

Fazenda Velha e depois
o "Forte 7 de Setembro"
perto do morro do Pico,
"eu disto bem não me lembro,
e a história é feita aos poucos
conforme os casos relembro".

Agora vamos falar
da parte mais importante
da confusão de Canudos,
lá na Bahia distante,
quando a fôrça do Pará
tem ação nobilitante.

Cinco e meia da manhã
Sotero estava no "Forte"
e mandava convidar
a Fontoura, aqui do norte,
quando o coronel Silveira
enfrentando a própria morte

correu avisar os dois
que os jagunços vêm chegando

pela esquerda dêsse Forte
e um rio atravessando
cujo nome é Umburãnas
vem socorro reclamando.

Os dois coronéis Fontoura
e Sotero combinaram
que o 2º ia na frente
e o 1º os secundaram
e dêsse modo um na frente
e outro atrás marcharam.

Coronel Sotero à frente
dos batalhões avançou,
atravessa o Umburãnas
que nesse tempo secou,
os jagunços fazem fogo,
a Polícia respondeu.

Foi bala de lado a lado,
os jagunços se assombraram
um sargento e várias praças
do nosso lado tombaram,
mesmo debaixo de bala
o rio os nossos passaram.

O capitão ajudante
Asclepiades de Fonte
do cavalo cai ferido
junto aos feridos aos montes
e num joelho, Sotero
de balas tem duas pontes.

Uma bala dos jagunços
"fura o Coronel Sotero",
que se afasta do combate
mantendo "o seu ar severo"
e diz assim à Fontoura:

"Fontoura eu assim espero".

"Salve com sua bravura
a honra do Regimento"
e Fontoura assim cumpriu
a ordem num só momento
e arrancando da espada
fêz ataque violento.

Do 2º à sua frente
de baioneta calada,
arrancou com valentia
em cima da jagunçada,
levando tudo de arrasto
numa carga preparada.

Cai a trincheira jagunça
tomada pela Polícia
que mostrou a importância
da sua grande perícia,
seu arrôjo e destemor,
posso dizer sem malícia.

O 1º Corpo chega
nessa mesma ocasião
Fontoura junta êsse Corpo
e reúne o pelotão,
estende mais sua linha
e garante a posição.

A 3ª companhia
que na reserva ficou
era do 2º Corpo
e para perto chegou,
Fontoura engaja a 3ª
que na luta logo entrou.

A 3ª companhia

que vinha por derradeiro,
era a reserva que havia
perdido o seu timoneiro
valoroso capitão
Manuel Batista Cordeiro.

E agora ela chegava
do fogo no pelourinho
ver de perto a jagunçada
brigar com ela pertinho,
com o tenente Raimundo
de Oliveira Coutinho.

O Regimento faz fogo
e em Canudos penetrou,
e mais de duzentas casas
a Polícia conquistou
boas posições ganharam
que o jagunço abandonou.

Nisto o major Calixto
Malaquias Mendes, é
ferido em pleno "rosto
mas não perde a sua fé,
crendo na Santa Virgem
Senhora de Nazaré".

Eram as duas da tarde
de um sol abrasador
quando os jagunços
viram da Polícia o seu valor,
e logo a fama correu
da Bahia em derredor.

A luta continuava
e ia continuar,
um oficial do Exército
que é do general Oscar,

dava a Fontoura a ordem
de Canudos recuar.

Fontoura gritou um "Alto!"
sem o fogo suspender,
e dali picou o cavalo
foi com o chefe se entender,
com o coronel Silveira
e Sotero êle foi ter.

Sotero estava ferido
e no hospital se tratando,
e do chefe a decisão
Fontoura lhe foi contando,
e sem demora de tempo
a Canudos foi voltando.

A sua resolução
era de não recuar,
mandou fogo para a frente
Canudos fêz arrasar,
quando chega nova ordem
lá do general Oscar.

Fontoura então fêz alto
e as posições sustentou,
A polícia foi rendida
por batalhões que chegou
dessa tropa federal
que essas posições guardou.

O 15º e o 22º,
32º e Vinte e Sete
todos tropa federal
as trincheiras acomete,
e assim entrincheirados
"fazer bravura promete".

A gloriosa Polícia
só 51 perdeu
entre mortos e feridos
que nessa luta se deu,
dando lição a jagunço
"que dessa vez aprendeu".

A 1º de Outubro
de nôvo participou
de outro ataque a Canudos
que novamente chocou,
e arrasado de vez
Canudos capitulou.

Da Polícia do Pará
sem mesmo soltar um grito
três praças tiveram morte,
o alferes Toscano Brito,
José Francisco de Lima
outro sargento invicto.

2º Sargento Nogueira
"Farmacêutico" apelido,
num hospital da Bahia
"num apoio decidido,
todos morreram juntos
depois do Dever ter cumprido"

Canudos capitulou!
A Polícia do Pará
tem a fama da Vitória
que nunca mais morrerá,
e o povo paraense
orgulhoso a guardará.

25 de Setembro!
data que celebrizou
o feito de armas, ousado,

que a Polícia perpetrou.
Honra, pois aos vencedores,
Canudos capitulou! ...

E depois de tanta luta
tanto sangue derramado,
oficiais que morreram
no campo glorificado,
o Antonio Conselheiro
em canto algum foi achado.

Não se sabe êsse mistério
"que a política arranjou",
e dêsse mistério em cima
uma pedra se botou,
pois assim era preciso,
desde logo se notou.

Dêsse Antonio Conselheiro
um retrato apareceu.
Cabelos e barba compridos
um bicho se pareceu,
mas não se diz até hoje
se alguém o conheceu,

Na Bahia o fanatismo
caro ao Governo custou,
e Antonio Conselheiro
nunca em luta se mostrou
e conforme alguém já disse
o Diabo o carregou.

2.6 Meu folclore⁷

O leitor já ouviu contar
A história do Conselheiro,
De um simples penitente
Que assombrou o mundo inteiro,
Modesto, honesto e valente
Que fascinou tanta gente
Neste sertão brasileiro.

Sua arma era uma vêrga
Na espécie de bastão
Era o tipo de Moisés
Pregando pelo sertão
Imitava no Sinai
E o povo tinha-o por pai
E autor da Redenção.

A nação gastou dinheiro
E cinco mil oficiais,
Nos pelados de Canudos
Estão seus restos mortais,
Os ossos petrificados,
Veio gente dos Estados
Que não retomou jamais.

Reuniu-se tanta gente
Para o dia da Redenção,
Esperavam o Salvador
E o Rei D. Sebastião,
Gente fazia fileira,
Foi a Tróia brasileira
Nos carrascos do sertão.

Nasceu Antonio Conselheiro

⁷ SARA, J. *Meu folclore*; história da guerra de Canudos, 1893-1898. Biografia de Antonio Conselheiro. Sua vida em sua terra, o Ceará. Cocorobó destruirá Canudos e restabelecerá os Belos Montes. 2. ed. Museu do Arraial Bendengó. Euclides da Cunha, 1957. p. 1-41.

No Estado do Ceará
Na Vila de Quixeramobim,
Pertinho de Quixadá
De família pobre e fiel
Descende dos Maciel
Muito conhecida lá.

Contam que Antonio casou-se
Quando era jovem ainda
Com u'a môça sua parenta,
Branca, simpática e linda,
Corpo esbelto, fronte erguida
Era o gôzo de sua vida
E o seu nome era Olindina.

Dizem que Antonio viajava
Percorrendo a freguesia
Pois era funcionário
De uma certa Exatoria,
Era cristão de batismo
Recebia todo dismo,
Impôsto da Monarquia.

A velha mãe de Antonio
Que não gostava da nora
Disse: meu filho em tua casa
Eu vejo entrar a certa hora
Na porta de tras um vulto,
Isto é mais do que um insulto
Que estão te arrumando agora.

Antonio ficou pensativo,
Calado, observando,
Uma noite pelo fundo
Da casa vinha chegando
Era uma noite de escuro
Abriu a porta do muro
Êle foi se aproximando.

A velha mãe de Antonio
Era quem vinha entrando
E êle deu-lhe um tiro
E a espôsa foi esfaqueando,
E quando reconheceu
Que sua mãe morreu
Correu louco e lastimando.

É dêste triste episódio
Que a calúnia sempre faz,
A mentira sempre arma
O laço de Satanás.
Pensava em se matar
E procurava rezar
E se sumiu o rapaz.

Dessa triste retirada
Apareceu em Salgueiro
Magro, triste, macambúzio,
Encontrou um companheiro,
Deu-lhe abrigo, e de repente
Sumiu-se que aquela gente
Não mais soube o paradeiro.

Rumou para S. Francisco
Atravessou em Abarés
Vestido de chambre azul
Não montava, andava a pés,
Atravessava o sertão
Apoiado num bastão
Era o segundo Moisés.

No ano de setenta e quatro
No sertão da Bahia
Existia um senhor
De prestígio à Monarquia,
No Têrmo de Monte Santo
Era inculto êsse recanto

Quase ninguém o conhecia.

Era o Capitão Higinio
Do Tanque da Nação,
Era antes de ser Cumbe
Quem mandava no sertão,
Deram notícia de um mendigo
Peregrinando sem abrigo
E vestido de azulão.

O chefe ordenou à tropa
Prestar tôda atenção,
Quando uma tarde aparece
Um mendigo de azulão
Apresentando cansaço,
Um livro em baixo do braço
E apoiado num bastão.

O capitão encarregado
De recrutar voluntário,
Procurou interrogá-lo
Nada achando de contrário
Abatido da viagem
Não trazia matalotagem
Só um livro Breviário.

Pediu cômodo, pediu pão
Na casa da bolandeira
Rejeitou rêde e cama
Só aceitou uma esteira,
Ao verem aquela cena,
Todos ali tiveram pena,
E jejuava na sexta feira.

Pedi licença para ler
Aos seus patrícios do norte
Que no ano de sessenta
Houve uma sêca forte

Que de todo o Cariri
Emigrou gente para ali
Para se livrar da morte.

Todo povo ia apreciar
Êle lia seu Breviário
Fazia alguns sermões,
Era um grande missionário,
E pregava a caridade
"É um apóstolo da verdade,
Êste homem foi vigário".

Desapareceu uma manhã
E seguiu sua penitência
Na Vila Rica do Bom Jesus
Fêz a sua residência
Construiu uma capela
Do sertão inda a mais bela
Que lhe rende reverência.

Os padres lhe ajudavam
Nas obras do Santuário,
Não pagava a dinheiro
E tinha todo operário,
Davam-lhe materiais
Só isto e nada mais
O têrço, a cruz e o rosário.

Fêz a igreja do Sobrado
Na vila de Aporá
Fêz em Timbó e Esplanada
E reconstruiu outras lá,
Em Inhambupe e Barracão
Mocambo e Missão
Pombal e Massacará.

Denunciaram para o Rio
Ao govêrno Imperial

Dom Pedro lhes respondeu:
Êsse homem não faz mal.
Disseram mudar de estilo
Então mandem para o asilo
Manicômio ou hospital.

E com falsa precatória
O juiz mandou-o prender
E remetido ao Ceará
Pra suas culpas responder,
Enviado a Fortaleza
Nem mesmo sua defesa
Não fez, queria sofrer.

Sofreu dos guardas injúrias,
Nada êle reclamou
Foi sôlto em Fortaleza
E para a Bahia voltou,
Nenhum crime tinha lá
Na Comarca de Quixadá
Escrito nada encontrou.

E voltou para a Bahia
Provou a sua inocência,
Todo povo via nêle
Uma alma de consciência,
Dava a todos bons conselhos
Mostrava naqueles espelhos
Perdão, calma e paciência,

Fêz igreja em Sergipe,
Campos em Itabaianinha,
E a Rainha dos Anjos
E dos católicos rainha
Pedia e dava esmola
De São Paulo era epistola
Ninguém sabia donde vinha.

Construiu em Monte Santo
O caminho da Santa Cruz
O povo dizia na reza
"Do céu baixou uma luz,
Quem não fizer o bem
Dom Sebastião já vem
Mandado do Bom Jesus".

Tinha gente acompanhando
Que era de fazer dó
Aquêlê fanatismo misto
Que levantava o pó,
E para o sertão seguiu
Nessa viagem construiu
A igreja de Chorrochó.

Êsse povo acompanhando
Contava-se às centenas,
Branças, louras e mestiças
Preta, mulata e morena
Maltrapilhas na miséria
Mesmo naquela era
Fazia a gente ter pena.

Pés descalços, ombros nus,
E farrapos de algodão,
Os homens remendados
De roupa de azulão,
Era a Lei da Igreja
Andar naquela peleja
Pra alcançar a salvação.

Passando por Canudos
Um arraial no oiteiro
À margem do Vaza-barris
Visitou o padroeiro,
Pediram uma construção
Para o santo da devoção

Do nome do Conselheiro.

Canudos tinha uma capela
Porém não tinha um bom trato,
O que é certo que a gente
Lhe fêz um grande aparato,
Lá só havia desordeiro
Aqui junto ao Conselheiro
Apresentou seu retrato.

Prometeu fazer a igreja
De Santo Antonio padroeiro,
Por ser santo festejado,
E do nome do Conselheiro,
Foi construir em Bom Conselho,
Logo houve um dismantelo
Em sua volta foi ligeiro.

O Dr. Arlindo Leoni
Juiz daquela comuna
Com o Padre da freguesia
Fêz uma grave ruína
Que aquêle fanatismo
Era um imperialismo
Que a república repuna.

No ano noventa e três
Fizeram grandes asneiras
Deram viva à República
E botaram impostos nas feiras
Um insulto ao Conselheiro
E o seu povo estava ordeiro
Para sair às carreiras.

E o Conselheiro montou
Em seu fiel alazão,
Com mulheres e crianças

No caminho do sertão
À tarde seguiu a cruz
Deram viva ao Bom Jesus
E rasgaram as leis na mão.

Pediram providência
Ao Governador da Bahia,
Que o povo do Conselheiro
Fizera grande anarquia,
Oficiais aposentados
Seguiram com alguns soldados
Combater a rebelia.

Espalharam mil boatos
Por todo aquele sertão
Em Belos Montes já estava
O D. Rei Sebastião,
Dos montes corria azeite
A água do rio era leite,
As pedras convertiam-se em pão.

O Dr. José Gonçalves
Governador da Bahia,
O primeiro da República
Depois da Monarquia,
Mandou cem praças de linha
Desembarcar em Serrinha
E extinguir aquela anarquia.

O coronel José Leitão
Chefe de Santa Luzia
Foi pessoal a Zé Gonçalves
Governador da Bahia,
Homem bom, muito ordeiro
Fêz a paz com o Conselheiro
E a fôrça não seguia.

No ano de noventa e três

O povo do Conselheiro
E no ano de quatro e cinco
Construíram mui ligeiro
Cinco mil residências
Dois templos de penitências
Povoaram o outeiro.

Acompanharam os penitentes
A 5 léguas de Tucano
Na Fazenda Maceté
Foi um fogo desumano,
Mataram mulher e criança
Foi uma covarde vingança
Que houve naquele ano.

Êsse povo ignorante
Que acompanhou o Conselheiro
Era fanático e inocente
Mas não era desordeiro,
Porém seguiram na pista
Soldados caíam à vista
Varados no taboleiro.

Desta triste retirada
Que rumaram ao sertão
A fome, a sede, o flagelo,
Êsse povo em oração,
Morrer, sofrer e rezar
Porque iam ressuscitar
Com D. Rei Sebastião.

Agruparam em Canudos
Começaram a construção
Da nova Jerusalém
Da cova de Salomão,
Batizou por Belos Montes
Por ter muita água nas fontes
E o rio era o Jordão.

Espalhou-se a notícia
Pelos Estados do Norte
Chamando-a o povo Israel
Que fôsse fraco ou forte
"Estão chegando os dias
Do que dizem as profecias
Julgar os vivos e os mortos".

OCUPAÇÃO

As mulheres a rezar o dia inteiro
Outras no tecido de fiar algodão
Os homens a tombar pedras dos montes
Outros se embrenhavam no sertão,
A procura de casca e de madeira
Por cima das maiores cordilheiras
Plantavam milho, mandioca e feijão.

Duas torres alvejavam
O céu límpido do sertão
Via-se de tôda parte,
Era uma miniatura do templo de Salomão
Sansão derrocou as colunas
Mas para pô-las em ruína
Precisou tôda a nação.

JOÃO ABADE

Pajeú, João Abade e Vila Nova
Os cabos de guerra do Conselheiro
Macambira, Zevenâncio e Vicentão
E o heroísmo do sangue brasileiro,
Eziquiel, Jerônimo e Manoel Francisco
Ciriaco e Pedrão era um Curisco
Serafim, o melhor escopeteiro:

As construções aumentavam
Gente de todos os Estados

Trazendo ouro e dinheiro
Visitar os Templos sagrados
Em Ceará e Pernambuco
O povo ficou maluco
Vendiam as terras e os gados.

De Alagoas a Bahia
O povo vendia o gado
Abandonava as moradas
Sergipe foi desabitado,
Era a mesma ilusão
Esperar a redenção
Que o tempo era chegado.

Reuniram-se os padres
De tôdas as freguesias
E pediram uma missão
Ao Arcebispado da Bahia,
Mandou Freis Caetano e João
Pregar no alto sertão
Mas só tiveram três dias.

Porém êsses missionários
Queriam o povo espalhar,
O Conselheiro reclamou:
O governo quer me matar
Os fanáticos repeliram
E os padres fugiram
Sem a missão terminar.

Levaram ao Governador
A notícia do Conselheiro,
Um relatório tremendo
Que o povo era desordeiro,
Mandavam outras calúnias
Porém quem fêz as ruínas
Foi Jesuíno, o boiadeiro.

O Conselheiro curvado
Apoiado num bastão
Cabelo e barba comprida
Tipo do centurião,
Cruz no peito e um rosário
Lendo um grande breviário
Trajava um chambre azulão.

Passou-se o noventa e cinco
Entrou o noventa e seis
Calúnias para Salvador
Daquelas gentes infiéis
Chegavam sem cessar,
Depois vinham deturpar
E deflagarem as leis.

Comprou madeiras de cedro
Na cidade de Juazeiro,
Deu ordens para buscar
Nos ombros aquêle madeiro,
Cem homens de Belos Montes
Cortavam os horizontes
Por ordem do Conselheiro.

O Dr. Arlindo Leoni
Era Juiz de Direito
Proibiu os penitentes
Naquele bêco estreito,
Carregarem grande cruz
Darem viva ao Bom Jesus
Que ali não era aceito.

O povo não atendeu
E levou suas madeiras
Dias depois a mentira,
Gente chegava às carreiras,
Que breve em Juazeiro
O povo do Conselheiro

la fazer umas fogueiras.

O Juiz correu logo
E passou pra Petrolina
O maior caluniador
Sempre é o mais mofina
E o povo todo assombrado
Passou para o outro Estado
Pra ser maior a calúnia.

E pediu u'a providência
Ao Governador da Bahia
O Leoni telegrafava,
Se ocupava noite e dia,
Ao Dr. Luiz Viana
Que a fôrça baiana
Viesse em garantia.

O Conselheiro soube
Que alguém lhe avisou
Que o governador mandava
Um batalhão caçador
Cuidou em se prevenir
Para poder repelir
Êste seu perseguidor.

Mandou fabricar salitre,
Enxôfre e fazer carvão,
A juntar os clavinotes
Que houvesse no sertão,
Prego velho, seixo rolado
E trincheira nos pelados
E na bôca do boqueirão.

Mandaram o Tenente Pires
Comandando o batalhão,
Quando chegou em Juazeiro
Não tinha gente mais não,

Soldado sem disciplina
O povo em Petrolina
As ruas na escuridão.

O povo de Juazeiro
Parecia estar mudo
Pedindo ao Governador
Que o Juiz ensinou tudo,
Pedindo mandar ligeiro
Prender Antonio Conselheiro
E arrasarem Canudo.

Partiram de Juazeiro
Por êste sertão maninho
À fome, à sede, ao relento,
Pedras de ralo e espinho
Sem uma sombra no sertão
Carregavam um matolão
Sendo seis dias de caminho.

Acamparam no Uauá,
No outro dia às matinas
Ouviram a ladainha
Pegaram as carabinas
Viram alto um estandarte
Disparos de bacamarte
Morreram, foi uma chacina.

Foi um combate ligeiro
De foice, facão e chucho,
Soldado que avançava
Era varado no bucho,
O combate foi ruim
Armado de combleim,
Custava mudar o cartucho.

Ambos recuaram
Entraram no taboleiro

Ficaram os mortos na praça
Que só se via o piqueiro
Voltaram atemorizados
Em dois dias os soldados
Chegavam a Juazeiro.

Chegados em Juazeiro,
Foram logo à Estação
Da estrada de ferro
Esperando a locomoção
Chegados em Salvador
Soldado que desertou
Pra não voltar ao sertão.

Depois do fogo do Uauá,
Tomaram outras medidas
As fazendas derrubavam
E a outros tiraram a vida,
Reuniu-se tôda frota
Mataram Antonio da Mota
E não deram mais saída.

Queimavam as fazendas
De tôda a vizinhança,
Quem não fôsse a Belos Montes
Era esta a vingança
E porque era profano,
Ateu ou Republicano
Obrigavam a mudança.

Lá dentro da cidade,
Só se falava em Monarquia
D. Sebastião está chegando
Para o reino da Bahia
A côrte era Belos Montes
Quem não vir logo a esta fonte
Depois não se aceitaria.

Apareceu desordeiros,
Criminosos e ladrões
Com clavinote no ombro
Chucho, foice e munições
Chegavam de todos os Estados,
Grande grupo de malvados
Fugitivos das prisões.

Forneciam munições
O chefe do cangaceiro
Para livrar-se de capangas
Mandava ao Conselheiro
Que aceitava contente,
Todo dia chegava gente
Trazendo arma e dinheiro.

Chegando se apresentavam
Ao guarda Pajeú
Um negro calado e feio
Era o tipo cabaçú
E João Abade alourado
Sisudo e mal encarado
Era acalenta-tutu.

Depois iam apresentar-se,
Ao monarca Conselheiro
O grande facinador
"Do Bom Jesus verdadeiro"
Mandavam fazer uma prova
Depois iam ao Vila Nova
Para fornecer o dinheiro.

Quando chegavam os grupos
Ficavam à rua vizinha
Iam ao encontro as beatas
Cantando uma ladainha
Ali ficavam enlatadas,
Até fazerem uma morada

E construir uma casinha.

Certo tempo em Canudos,
Apareceu Satanás
Se apoderou de mulheres
Tornando-as mais sagaz
Subindo em casas e Igreja
Foi uma grande peleja
Dizendo coisa de mais.

O clima muito salubre
Porém o sol do dia
Com o calor abafado
Atacou desinteria
Morreram crianças sem conta
Mulheres fugiam tontas
Desta triste epidemia.

Chamou o Major Febrônio
Dou-lhe 500 soldados
Em Canudos só tem
Duzentos homens desarmados
Dou canhões e dinheiro
Traga prêso o Conselheiro
Vai homem de todo Estado.

Major Febrônio corajoso
Com quatrocentos e cinquenta
Soldados de tôdas armas
Foi uma luta sangrenta
Na subida do Cambaio
Explodia que só raio
Mas a trincheira arrebenta.

Dispararam os canhões
Por tôda aquela pedreira
Morreram do Conselheiro
Com as pedras da trincheira

Morreram centenas de homens
Gravou o Febrônio o nome
Na história brasileira.

Atravessou o Cambaio
No Riacho do Sargento,
Passaram a tarde em paz
Não houve impedimento,
Resolveram descansar
No Cipó Maracujá
Fêz o seu acampamento.

No outro dia às matinas
A tropa de prontidão
Chamou o guia Pedro Barra
Por ser filho do sertão,
– Marque direito Canudos
Vou acordar os borrachudos
Com um tiro de canhão.

Não acabou a palavra,
Veio gente de tôda parte
Uns armados de lança
E outros de bacamarte
E outros a ferro frio
Correu sangue no rio
Viram arma de tôda arte.

Reuniu seus subalternos
Médicos e oficiais
Estamos sem munição
Comida não temos mais
Querendo vamos a Canudos
Arrisca morrer tudo
Pois os homens são sagazes.

Com mortos de ambas as partes
A lagoa logo tingiu

O sangue correu tão forte
Que foi engrossar o rio,
– Voltemos devagarinho
E pelo mesmo caminho
Para não perder o trio.

Como o povo do sertão
Só com armas de espoleta,
– Voltemos todos calados
Sem dar toque na corneta.
Naqueles picos agudos
Cinco mil homens em Canudos
Que não teme a baioneta.

Chegaram a Salvador
Trazendo todo armamento
Perderam muitos soldados
Quase acaba um regimento
O Governador Luiz Viana
Mandou à caatinga baiana
Fazer nôvo alistamento.

Nas Lavras dos Lençóis
Nos centros de cangaceiro
Mandou alistar bandidos
Pagando muito dinheiro,
A criminosos deu perdão
Para seguir ao sertão
E acabar com o Conselheiro.

E pediu logo o auxílio
Do Govêrno da União
Que defendesse a República
Embarcando um batalhão,
Munições e artilharia,
Para reunir na Bahia
E seguir pra o sertão.

Alistou-se um batalhão
Nas Lavras Diamantinas
E no Alto S. Francisco
E nas fronteiras de Minas
Homens rústicos dos Estados
Que não conheciam os lados
De manobrar carabinas.

O Presidente da República
O Prudente de Moraes
Telegrafou aos batalhões
De Manaus até Goiás
Nos sertões dos botocudos
O arraial de Canudos
Queria perturbar a paz.

Antonio Moreira César
Coronel no Mato Grosso
Das vinganças sanguinárias
Do seu gênio de destrôço
Que em Santa Catarina
Era mestre de chacina
Mandou vir com seu refôrço.

Sofria epilepsia
Era o tipo de Satanás
Tanto matava na luta
Como matava na paz,
Quando vinha à capital
Era o espectro do mal
Quedo, feroz e sagaz.

Foi um dia de clamor
Quando saltou na Bahia
Desembarcando a polícia,
A linha e a cavalaria
Viu o horror em nossa terra
Era uma praça de guerra

A boca da artilharia.

Formou-se na Bahia
Um grupo de estudantes
Ingênuos, eram iludidos,
Como jovens são pedantes,
Era voz em praça pública
Iam defender a República
E voltariam triunfantes.

Foi um dia de horror
a manobra do canhão
Chorava mãe pelos filhos
Irmã pelo seu irmão.
Oferecendo seus serviços
Grandes eram os reboliços
Na garage da estação.

Embarcou a Infantaria
Desembarcou em Queimadas
Dos jovens voltaram poucos
Outros ficaram nas estradas
Caídos pelas esquinas
Sem poder com as carabinas
Caíam nas emboscadas.

Essa triste expedição
Rompeu o sertão baiano
Chegando a Monte Santo
Pela ordem do tirano
O coronel Tamarindo
Seu dever ia cumprindo
Mas levava o desengano.

Quase mil e trezentos homens
Era essa expedição
Da fôrça paraibana
O capitão Salomão,

De Pernambuco o Flôres,
Se ouviam os rumores
Com des léguas no sertão.

Seguia Euclides da Cunha⁸
Do grupo de engenheiro
Chegando ao arraial de Cumbe
Rumaram ao taboleiro
Pra se livrarem da serra,
Como ganhariam a guerra
Do povo do Conselheiro.

Prenderam o velho padre
Para dar informação,
E levaram para Canudos,
Montado num alazão,
À sêde, à fome e agonia
Romperam a travessia
Daquele inhóspito sertão.

Na quarta feira de cinzas
Dormiam em uma fazenda,
Que seria o encontro
Dia bom para a contenda,
O César era um doente,
Rezar u'a missa presente
Com tôda sua oferenda.

A missa de corpo presente
Na intenção do Conselheiro
A morrer naquele dia
Com todos os seus companheiros,
O Padre trocou as botas
Rezou foi para a tropa
Morrendo todos no outeiro.

⁸ Equívoco. Euclides da Cunha não participou da expedição Moreira César e sim da Artur Oscar.

Soltou o Padre que correu
E a fôrça fêz fileiras
No Riacho da Pitomba
Caíram umas trincheiras,
Morreram seis do esquadrão
Se embrenharam no sertão
Voltando todos às carreiras.

Os batalhões do sul
Não conheciam o espinho,
Desmantelaram-se todos
Voltaram em desalinho
Xique-xique e palmatóra
Cavalo caia na espora
Abriram vasto caminho.

Deu ordem de acelerado
E quando subiu a favela
Mandou armar os canhões
E atirar nas capelas,
Nem um tiro respondia
Parecendo que dormia
Não havendo sentinela.

Pajeú o espreitava
Valente, frio e forte
Que venceu muito combates
Pelas plagas lá do norte,
Dizia aos penitentes
Tenha calma minha gente
Que vejo o cetro da morte.

"O FANTASMA DE CANUDOS"

No fogo Moreira César,
Avistaram um grande vulto
Na estrada do Uauá.
Moreira disse um insulto

Alvegem os fuzileiros
Apontem aquêlê Conselheiro
Que nos insulta do culto.

A fuzilaria detonou,
Todos numa ocasião
Quando a poeira passou
Viram o gigante em ação
Disse o Moreira César
Eu quero ver tua reza
Dê dois tiros de canhão.

Quando a fumaça subiu
O fantasma do sertão
Estava olhando Canudos
Zombando do batalhão,
O Cel. empalideceu,
Ainda o cachimbo acendeu
Com um artifício na mão.

Moreira usando binóculo
Mostrou aos Coronéis
Se tem chifre luminoso
É o fantasma de Moisés
Este Antonio Conselheiro
Parece ser feiticeiro
Com seu grupo de fiéis.

A polícia da Bahia
Que conhecia a cidade
Desceu o rio de assalto
E tomou a caridade
Brigava até de coice,
Mulher brigava de foice
Que fazia piedade.

Mas quando o sino bateu
Rompeu uma descarga

Moreira César afoitou-se
Deu ordem em voz bem larga,
E botando sua luneta:
– Vamos tomar a baioneta
Soldado, previna a carga.

Aproximou-se do rio
Na desgraça era afeito.
Todos que tinham galão
levaram um tiro no peito.
O César que era gaúcho
Tomou um balaço no bucho
Recuar só era o jeito.

Mandou tocar retirada
E lá no Alto do Mário,
Perderam mais da metade
Sendo triste o seu diário.
A fôrça em desalento,
A metade do armamento
Estava em poder contrário.

Morreu o Moreira César
Às duas da madrugada,
Correram perdendo tudo
Armas, tropa e a boiada.
Tamarindo e Salomão
Que defendiam o canhão
Morreram à beira da estrada.

Morreu quase a expedição
Salvou algum que correu
Na hora do desespero
Só mato é que valeu,
E os jagunços na pista
Onde levava de vista
Aquê o urubu comeu.

Tomaram todo armamento
Viveres e munição
E espalharam boatos
Que D. Rei Sebastião
Chegou em Belos Montes
Transformou a água das fontes
Em leite e as pedras em pão.

Vinha de todos os Estados
Gente para o Conselheiro
Armas, víveres e santos
Vinha lotado cargueiro
O pessoal que era rico
Vendia até o pinico
E conduzia o dinheiro.

Os soldados que escaparam
Foram aqueles que correram,
Embrenharam no sertão
Alguns as onças comeram,
Apareciam feridentos
Sem fardas, sem armamento,
Outros, os restos apareceram.

O Secretário do Conselheiro
Era Antonio Vila Nova
Seu patricio de Estado
Confiava e deu prova
Até que fugiram juntos
Hoje eles são defuntos
De Açaré a Várzea Nova.

Era Antonio Vila Nova
Quem era o seu tesoureiro
E o dinheiro do povo
Era entregue ao Conselheiro,
Da República para queimar
Do Império para guardar

Nas arcas do dinheiro.

O chefe do Conselheiro
O primeiro Pajeú
Valente, calmo e forte
Sorrindo comia cru,
João Abade valentão,
O Vicente e o Pedrão,
Era índio quase nu.

O Presidente chamou
Do Amazonas ao Pará
Do Rio Grande do Sul,
De São Paulo ao Paraná,
De Vitória ao Mato Grosso,
Chegava tanto refôrço
De Minas ao Ceará.

Mandou o Artur Oscar
Chefe do Estado Maior,
Milheiros de oficiais
De coronel a major.
E todo o Sul do país
Tomava a diretriz
Foi um exército maior.

Mais de dez mil homens
Reuniram-se nos pelados,
O Servaget⁹ comandava
A fôrça de dois Estados,
De Aracaju e Maceió
No fogo do Cocorobó
Perdeu trezentos soldados.

O Presidente ordenou,
Ao Cel. Servaget

⁹ Savaget

a reunir os batalhões
E seguir pelo Canché
Mandou fabricar fuzis
Subir os Vaza-barris
Para destruir a má fé.

Foi os 28 de Alagoas,
E os 26 sergipanos
Unidos para atacarem,
Pelo sertão baiano
Seguiram por Simões Dias
Uniram as cavalarias
De um grupo de tiranos.

Êste grupo era sulino
Do Rio Grande e Santa Catarina
Que unidos planejavam,
Fazerem grande chacina
E como eram cavaleiros
Um batalhão de lanceiros
Desprezavam as carabinas.

E logo se reuniram,
Com os batalhões do norte,
Homens criados com fome
Ágil, adestos e fortes
Que conheciam os caminhos
Livraram-se dos espinhos
Defendiam-se da morte.

Subiram o Vaza-barris,
Estas novas expedições,
Dois mil e seiscentos homens
Iam empurrando canhões
E o grupo de lanceiros
De soldados arruaceiros
Queriam acabar os sertões.

Foram já se aproximando
De Canudos, o batalhão
Já o General Artur Oscar
Com seis mil homens no sertão
Já o sol ia se pondo
Êles ouvindo o estrondo
Da artilharia em ação.

E Pedrão, os espreitava
Na garganta do Cocorobó
Preparavam os clavinotes
Com 50 homens alí só
Disparou-se os bacamartes
Foi ligeiro o combate
Morreu gente que fêz dó.

Os soldados sulinos
O tal batalhão lanceiro
Avançaram com as lanças
O combate foi ligeiro
Poucos homens trincheirados
Cada tiro era um soldado
Dos bacamartes certos.

Perdeu duzentos e sessenta
A fôrça do Servaget
Foi preciso recuar
Para as várzeas do Canché
Fugindo do Boqueirão
Senão perdemos o batalhão
E ninguém tomava pé.

Encontraram com um vaqueiro
Que logo prontificou-se
Levou ao Oscar Artur
Uma ligação que avisou
E abriram um variante
Ligaram-se os comandantes

Por onde a fôrça passou.

Juntaram-se 10 000 homens
Que se reuniram na Favela
E em cada estrada botaram
Um batalhão-sentinela
A artilharia em ação
Alastrava no sertão
Bexiga e a febre amarela.

E a jagunçada reunida
Lá dentro do arraial
Com aspecto de cidade
Ao seu chefe leal
Caía casa e Igreja
Continuava a peleja
Até chegar o Marechal.

Marechal Carlos Machado
Chegou até Monte Santo
Deu ordem para que cercasse
A cidade e o recanto
Que os jagunços com fome
Haviam de perder o nome
E evitariam o pranto.

As fôrças do Ceará
O Piauí e o Maranhão
Paraíba e Natal
Conheciam o sertão
Porém a do Paraná
O Amazonas e o Pará
Pegavam espinhos de mão.

O paulista e o carioca
Os pampas e os mineiros
Se queixavam amargamente

Do sol no cimo do outeiro
A terra era quente em brasa
Quase que a tropa se arrasa
Ao atravessar o taboleiro.

E Antonio Conselheiro
Na sua concentração
Em sua casinha fechada
Animava a população
Nada fêz esmorecer,
Não temia de morrer
Porque tinha salvação.

Vendo sua fôrça perdida
Ele teve que recuar
Romper um sertão cerrado
E reunir a Artur Oscar,
Duas léguas de acampamento
Ao sol, à fome, ao relento
Tiveram que aguentar.

Era triste aquela cena,
A cidade aperta a mola,
Quando pegavam sobrevivente
Ali não se dava esmola
Era conduzido ao mato
Sofrendo o pior maltrato
Era um campo de degola.

É triste lembrar a cena
Da gente sem coração
Uma luta desigual
De irmão contra irmão
Envolvidos no fanatismo
O que faz o analfabetismo
Quanto perde uma nação.

Quanto foi o prejuízo

Para o povo brasileiro
A perda de nossa gente
E o gasto de dinheiro
Uma dúzia de professôres
Tinha sanado os horrores
Do povo do Conselheiro.

O povo do Conselheiro
Escondia-se na barreira,
Com uma espingardinha
Era uma morte certa,
Umhas lutas desiguais
Só matavam oficiais
Médicos, gente de primeira.

Os doze irmãos Macambira
Tomaram a artilharia
De seis mil soldados
À hora do meio dia
Ainda quebraram à marreta
Quando avisou a corneta
Morreu um, o resto fugia.

O batalhão do Pará
Acampou em Coxomongó
À noite ouviram um tiro
A bagagem ficou só,
Foram de espinhos feridos
Acharam soldados perdidos
Nas pedras do Bendengó.

Partiram de Monte Santo,
Os batalhões do norte,
Do Comandante Sotério¹⁰
Propalavam ser o mais forte,
Que só tinha um desejo

¹⁰ Sotero de Menezes

Brigar com os sertanejos
Nenhum escapava da morte.

Canudos já destruído
E êles disto sabia
Mas o hábito de se exaltarem
E arrotar valentia
A noite em Coxomongó
Disparou-se um tiro só
Foi enorme agonia.

Disse Euclides da Cunha,
Que êle mesmo assistiu
Quando à noite o sentinela
Um vulto estranho viu,
Disparou e o alvorôço
Foi tão grande o destrôço
Que quase entopem o rio.

Canudos já acabado
Quando o refôrço chegou
Na manhã do outro dia
Todo o exército cercou
Canudos ficou com nome
O resto morreu de fome
Canudos não se entregou.

Quem mais destruiu jagunços,
Foi a fôrça da Bahia
Que se conhece no País
Como a polícia fria
Mas quando entra na luta
Torna-se uma fôrça bruta
Não mostrando cobardia.

Leiam o livro "Os Sertões"
Como Febrônio de Brito,
Não meteu a fôrça à pique

Foi um combate bonito
Calmo, o sabido Febrônio
Da Bahia um patrimônio
Um monumento escrito.

Uma estátua ao Febrônio
Na estrada do sertão
E outra a João Abade,
Na Fortaleza de São João
Dois baianos valentes
Ainda deve ter semente,
Do Irará ao Sacão.

O batalhão paulista
Subindo a Serra da Tromba
Queimou os pés na terra
Dos pelados sem ter sombra
Acostumados na mata
Maldiziam-se: terra ingrata
Desta vez a gente se arromba.

O Sotero de Menezes¹¹
Oficial destemido
Rodeava Canudos
Sòzinho, desprevenido,
Os jagunços quando o viam
Ainda mais corriam
E nunca foi ofendido.

Assim passaram dez meses
E êsse povo nessa lida
Quando chegava munição
Logo faltava comida,
E para o povo de Canudos
Ali chegava tudo
A cidade era prevenida.

¹¹ Siqueira de Menezes e não Sotero de Menezes

Manoel Francisco, da Umburana
Macambira e o filho Joaquim
Que escaparam da luta
Porque saíram no fim
Contaram-me o ocorrido
E outros que estavam envolvidos
Mariano e Serafim.

Manoel Quadrado ocupava-se,
E o médico e curandeiro
Vivia a cavar raízes
Nos matos e tabuleiros
Rezando com as benzeduras
O buso era aventura
E ordem do Conselheiro.

Antonio Beato e José Félix
Que apelidaram tramela
Saíam anunciando
A tôda porta e janela
o ocorrido o fragrante
Era o alto-falante
Que época não era aquela?

Tinha Antonio Beatinho
Outro crente fervoroso
Que rezava o dia inteiro
Seu gesto era bondoso
Zelava por todos lares
E nos zelos dos altares
Era um dos mais cuidadosos.

Vila Nova, Cearense,
Que ajuntava o dinheiro
Explorador e hipócrita
Era o grande tesoureiro
Pra roubar os inocentes
Iludindo os penitentes

Por ordem do Conselheiro.

Na batalha Moreira César
Ficou malas de dinheiro
Entregaram ao Vila Nova
Por ordem do Conselheiro
Dinheiro Republicano,
Quem pega nêle é profano
Não é do Bom Jesus verdadeiro.

E o tal Antonio Vila Nova,
Pelo Chorrochó fugiu
Rumou para o Ceará
Atravessando o rio,
Depois da luta vencida
Com pessoas conhecidas
Em Canudos êle surgiu.

Encontraram-no em Canudos,
Êle e mais dois companheiros
Amocrizando¹² no sertão
E tocando dois cargueiros
Sujeito desenvolvido,
O que deixou escondido,
Era cargas de dinheiro.

Por isso alguém suspeitava
Que fugiu com o Conselheiro
E que aquela desgraça,
Era pra roubar dinheiro
Daquela gente insensata
Carregou o ouro e a prata,
Os dois espertos matreiros.

João Abade nasceu
Na Fortaleza de São João

¹² Variante de “almocrelando”?

Buracos de Bom Conselho
Não teve educação
Febrônio em Irará
Mas da fôrça militar
Recebeu grande instrução.

Febrônio foi para o exército,
Conheceu outras Nações
O que seria João Abade
Se tivesse tido instruções
Mesmo assim foi um assombro
De bacamarte no ombro
Comandava os sertões.

Os chefes e valentões
Da confiança do Conselheiro
E chefe supremo João Abade,
José Venâncio, cangaceiro
Pajeú, valente e frio
Do Riacho os navios
Que desertou dos companheiros.

Pedrão, guarda do cambaio,
Lalau, Chiquinho e João Mota
Vigias do Cocorobó,
Destruiu a grande frota
Com o socorro de Pedrão
João Grande teve emoção,
E Raimundo bôca torta.

João Tranca Pés, valente
E seu ordenancia Chico Ema
Do combate de Pitomba
Com o Major Seriema
Lutaram de peito a peito
Balas não faziam efeito
Foi mudado de sistema.

O velho Quinquin Coiqui,
Um devoto fervoroso,
Antonio Fogueteiro
Jagunço destemeroso
Fabrício Gama e Norberto
Deixavam o campo deserto
Num ambiente medroso.

Tucano despovoou-se
E uma parte da Serrinha,
Ribeira, Sôre e Junco,
Inhambupe e Alagoinha
Aporá e Itapicuru,
Sambra, Pedrinhas e Giru,
Campos e Itabaianinha.

Chegava muita gente
Que vinham de outros Estados,
Porém de um a um,
Criminoso ou malvado,
Que vinham a Belos Montes
Beber as águas das Fontes
Para a espição do pecado.

Outros iam visitar,
O seu grande Patriarca,
Inimigo da República
Com idéia de Monarca
No peito a cruz e o rosário
Com grande relicário
Do Bom Jesus era a marca.

Do sertão do Chorrochó,
Vieram muitas famílias
Porém quase tôdas voltaram
Conheciam a travessia
Internavam-se nas caatingas
Conheciam a mandiga

Raiz de pau era o que comia.

O velho Joaquim da Macota,
Sergipano, inocente
Branco de família fina,
Morreu com todos parentes
Iludido dos carambas
Veio da Serra da Samba
Não ficou um pra semente.

Vicente da Serra Vermelha
Manoel da guerra, espia,
Gerônimo e Ciriáco
Consideraram vigia,
Correndo os pontos vizinhos
À noite pelos caminhos
Luizinho a travessia.

O Ministro da Guerra
Veio aos campos de batalha
Ordenou que em Canudos
Se fizesse uma muralha
Por êsses morros pelados
Uma cêrca de soldados
Não precisava de metralha.

No comêço do cerco
Escapoliu muita gente,
Ficou dentro da trincheira
O que era mais renitente,
Os que foram encontrados
Ainda entrincheirados
Eram seis sobreviventes.

A mortandade era tanta
Naqueles campos nus
Ao ver aquela desgraça
Só os corações mais crus,

Carniça de todo vivente
Que nem era dissolvente
Nos bicos dos urubus.

Incendiavam as casas
Jogavam panos ardentes
De querozene, as chamas
Não destruíram essa gente,
Canudos não se rendeu
A fome foi que venceu
A vila dos penitentes.

Encontraram decomposto
O cadáver do Beato,
Senhorinho era barbado,
Conselheiro ganhou o mato
Dizem os fanáticos de lá
Que fugiu para o Ceará
E que lá teve bom trato.

Sabem que era secretário
O Antonio Vila Nova
Morava em Açaré
Tem parente que deu prova
Levou o ouro e o dinheiro
E do Antonio Conselheiro
Sabia onde era a cova.

Canudos repovoou-se
Com ilusão e engano
Ângelo dos Reis sepultou
Com coração bom e humano
As águas do Cocoróbó
Virá apagar o pó
Dos justos e dos tiranos.

O Antonio Conselheiro
Era muito inteligente

Lia e escrevia bem
Fascinava tôda a gente
A calúnia e a inveja
Fê-lo cair na peleja
Sendo um clarividente.

DEPOIS DA MORTE

O Conselheiro foi ao céu
E a Deus pediu perdão
São Pedro lhe respondeu
Descansa aí teu bastão
Criarei um lugar nôvo
Pra descanso do teu povo
Até vir a redenção.

Moreira César foi ao céu
Com Tamarindo ao seu lado
São Pedro falou assim:
O quê, cara de malvado
Tamarindo entristeceu
São Pedro assim respondeu:
Espere mais um bocado.

E disse a Moreira César
Pra seu ódio não há perdão
Fôste orgulhoso no mundo
Não terá a salvação
Volte lá para a terra
Vá cuidar de sua guerra
No reino da escuridão.

Bateram depois na porta
O Flôres e o Salomão
São Pedro lhes respondeu:
Vão governar seu canhão
Aguardem lá em Canudos
Calmos, quietos e mudos

Até a ressurreição.

Artur Oscar foi ao céu
Junto com o Prudente
São Pedro assim reclamou:
Feche a porta de repente
Ainda tenho lembrança
Degolou muita criança
Sacrificou inocente.

Carlos Machado foi ao céu
Levado por um remanso
São Pedro lhe respondeu:
Tenha aqui o seu descanso
Pois embora envolvido
Aqui será acolhido
No meu reino sempre manso.

O analfabeto continua
E cada dia é maior
Eleições, dinheiro gasto
E não vem dia melhor
Estado Velho, Estado Nôvo
Mas de educação do povo
Não se lembram está pior.

BIBLIOGRAFIA

- ARAS, José. *Sangue de irmãos*. 1. ed. s. d.
- BELÉM, Arinos de. *História de Antonio Conselheiro*; campanha de Canudos, narração completa. Belém, Guajarina, 1940.
- CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. Introdução, notas e comentários por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo, Cultrix, 1975.
- . *Os sertões*. 13. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1936.
- CUNEGUNDES, João de Souza. *A Guerra de Canudos no sertão da Bahia*. Rio de Janeiro, Livraria do Povo, Quaresma & Cia. Livreiros Editores, 1897.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Literatura popular em versos*; estudos. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. Tomo I.
- MAGALHÃES, Basílio de. *O folk-lore no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Quaresma, 1928.
- ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. Petrópolis, 1977. (Coleção Dimensões do Brasil.)
- SARA, J. *Meu folclore*; história da Guerra de Canudos, 1893-1898. Biografia de Antonio Conselheiro. Sua vida em sua terra, o Ceará. Cocorobó destruirá Canudos e restabelecerá os Belos Montes. 2. ed. Museu do Arraial Bendengó. Euclides da Cunha, 1957 .
- . 4. ed. 1963.
- SILVA, João Melchides Ferreira da. *A Guerra de Canudos*. s. n. t.